

LETÍCIA MOLINA RODRIGUES

**O IMAGINÁRIO DE ADOLESCENTES SOBRE O
ESPORTE: UM ESTUDO PSICANALÍTICO**

**PUC-CAMPINAS
2016**

LETÍCIA MOLINA RODRIGUES

**O IMAGINÁRIO DE ADOLESCENTES SOBRE O
ESPORTE: UM ESTUDO PSICANALÍTICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida – PUC-Campinas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia como Profissão e Ciência.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Tania Maria José Aiello-Vaisberg

**PUC-CAMPINAS
2016**

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas e
Informação - SBI - PUC-Campinas

t155.5
R696i

Rodrigues, Letícia Molina.

O imaginário de adolescentes sobre o esporte: um estudo psicanalítico / Letícia Molina Rodrigues. – Campinas: PUC-Campinas, 2016. 134p.

Orientadora: Tânia Maria José Aiello Vaisberg.
Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia.
Inclui anexo e bibliografia.

1. Adolescentes. 2. Imaginário. 3. Esportes - Aspectos psicológicos. 4. Organizações não governamentais. I. Vaisberg, Tânia Maria José Aiello. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida. Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

22. ed. CDD – t155.5

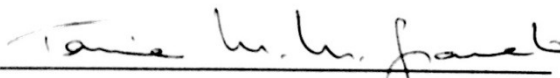
LETÍCIA MOLINA RODRIGUES

**O IMAGINÁRIO DE ADOLESCENTES SOBRE O
ESPORTE: UM ESTUDO PSICANALÍTICO**


BANCA EXAMINADORA



Presidente Prof. Dr. Tânia Maria José Aiello-Vaisberg



Prof. Dr. Tânia Mara Marques Granato



Prof. Dr. Fábio Riemenschneider

PUC-CAMPINAS

2016

Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha orientadora, Tânia Maria José Aiello-Vaisberg, que possibilitou essa pesquisa diante de um tema que engloba meus interesses teóricos em perspectiva crítica. Sou grata pela ajuda imensurável, pelos ensinamentos e pelo tempo disposto, dessa parceria carrego a admiração pela brilhante competência de seu trabalho. Admiro também a forma de conduzir o grupo de pesquisa que, a partir de analogias brincantes orienta e nos ensina diariamente o que significa o exercício do mestrando.

Dessa forma agradeço a todos os membros do grupo de pesquisa, que participaram direta ou indiretamente desta dissertação, com discussões, reflexões e percepções que contribuíram muito para a evolução processual do trabalho. Sou muito grata por fazer parte deste grupo de pesquisa em que tanto aprendi, e que em ambiente agradável e descontraído possibilita o aprendizado constante. Enquanto espaço de reunião semanal o grupo promoveu debates e análises críticas essenciais para o trabalho científico, em especial agradeço à Natália Del Ponte de Assis pela parceria e ajuda em diversos momentos.

Sou grata também aos professores que lecionaram as disciplinas eletivas e obrigatórias do mestrado, que contribuíram de forma significativa para a minha formação. Aos colegas acadêmicos, que participaram das mesmas disciplinas sou grata pelas discussões, contribuições, diferentes olhares e trabalhos em grupo. Nesse sentido e também de forma especial agradeço a Tamiris Cantares pela enorme parceria desde o início do mestrado, com discussões produtivas e auxílios outros que facilitaram a caminhada.

Com apreço gostaria de agradecer à Vera Lucia Trevisan de Souza, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia como Ciência e Profissão da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. À secretária do programa de pós-graduação em psicologia sou grata também pela atenção dispensada, pelas dúvidas requisitadas e pela paciência, assim agradeço à Maria Amélia Domingues Golçalves, Elaine Cristina Machado de Oliveira e Caroline Maronesi Cazonatto.

Aos professores doutores membros da banca de qualificação sou muito grata pelas incríveis percepções e contribuições, que foram essenciais para o desenvolvimento da dissertação e do meu percurso, à professora doutora Tania Mara Marques Granato e ao professor Cristiano Roque Antunes Barreira meu reconhecimento, estima e gratidão.

Um agradecimento especial a minha querida família que me apoiou e deu suporte nos momentos difíceis e compreendeu a minha ausência em períodos que a prioridade estava no mestrado. Agradeço de coração a minha mãe, Larissa Velludo Molina de Lima, e as avós, Delis Velludo Molina e Maria Lúcia Silveira Rodrigues, que com muito amor e experiência me acalmaram e deram forças para seguir. Agradeço também ao meu pai, Jeferson Silveira Rodrigues, pelos ensinamentos e pela descontração, essenciais para a caminhada, às minhas tias e tios agradeço por me ouvirem e ajudarem em tantos outros momentos.

Aos amigos minha gratidão pelo carinho e apoio, em especial as amigas psicólogas colegas de formação que estiveram presentes dividindo saberes e reflexões. Sou imensamente grata à Beatriz Franceschi Bernardi pela grande amizade e parceria ao

disponibilizar uma aula em seu trabalho para a concretização desta pesquisa. Com afeto também agradeço ao Paulo Eduardo Godoy Nogueira que com compreensão e companhia ajudou muito na reta final deste trabalho.

Congratulo e agradeço também a minha psicóloga Cristiane Maretti Marangoni Valli, que auxiliou a minha transformação pessoal e profissional durante todo o percurso, e em ambiente suficientemente bom ofereceu apoio psicológico quando necessário e me conduziu ao caminho das percepções antes ocultas.

Assim, agradeço a todos que cruzaram meu caminho e trouxeram novas percepções, reflexões e possibilidades, sou grata principalmente e especialmente aos adolescentes que participaram desta pesquisa enquanto sujeitos, e que de diferentes ângulos me fizeram enxergar a pluralidade e a criatividade imaginária sobre o esporte, sou muito grata pelo esforço, carisma e tempo dedicados ao encontro. Sem eles não seria possível realizar essa pesquisa.

Por fim reconheço e também sou muito grata ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que possibilitou a execução deste trabalho com assistência financeira.

RESUMO

RODRIGUES, L. M. (2016) O imaginário de adolescentes sobre o esporte: um estudo psicanalítico. Dissertação de Mestrado em Psicologia como Profissão e Ciência – Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Psicologia, do Centro de Ciências da Vida, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 134p.

A presente pesquisa tem como objetivo investigar o imaginário coletivo de adolescentes sobre o esporte. Justifica-se como etapa de um projeto maior de proposição de enquadre diferenciado, a ser utilizado em contextos institucionais, que toma o esporte como mediação brincante. Organiza-se metodologicamente ao redor do uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema em entrevista psicológica coletiva de que participaram dezenove adolescentes, que frequentam uma ONG dedicada à profissionalização de adolescentes pertencentes a famílias de baixa renda. Esta entrevista registrou-se por meio de narrativa transferencial, que abrange interações, ocorrências e impressões subjetivas da pesquisadora. A consideração do conjunto do material à luz do método psicanalítico permite a produção interpretativa de quatro campos de sentido afetivo-emocional: “Esporte é sucesso”, “Esporte é coragem”, “Esporte é saúde” e “Esporte é perigo”. O quadro geral indica que predomina uma visão favorável, ainda que utilitária, sobre a atividade esportiva, o que não desaconselha a proposição de seu uso na clínica psicológica.

Palavras-chave: Adolescentes; Imaginário coletivo; Esporte; Método psicanalítico; Enquadre diferenciado.

ABSTRACT

RODRIGUES, L. M. (2016) Teenager's imaginary on sport: A psychoanalytical study. Dissertation in Psychology Profession and Science – Post Graduate Program in Psychology Strictu Sensu, Life Sciences Center, Pontifical Catholic University of Campinas. 134p.

This research aims at investigating the collective imaginary of teenagers on sport. It is justified as part of a larger project, which aims at proposing a differentiated setting to be used in institutional contexts and which has sport as playful mediation. It is methodologically organized around the use of the Themed Drawing-Stories Procedure in a collective psychological interview with nineteen teenagers who attend a NGO dedicated to professionalizing teenagers from low-income families. This interview was registered through a transferential narrative encompassing interactions, happenings, and the researcher's subjective impressions. Considering the production under the psychoanalytical method allows for the creation of four affective-emotional meaning fields: "Sport is success", "Sport is courage", "Sport is healthy" and "Sport is dangerous". The overall picture indicates the predominance of a favorable, though utilitarian, view on sport, which does not disfavor its use in psychological clinic.

Keywords: Teenagers; Collective imaginary; Sport; Psychoanalytical method; Non-conventional clinical setting.

SUMÁRIO

Apresentação	10
Capítulo 1	
Adolescência, Sofrimento e Clínica Psicológica.....	15
Capítulo 2	
Oficinas psicoterapêuticas Ser e Fazer: Uma apresentação.....	34
Capítulo 3	
Estratégias metodológicas.....	57
Capítulo 4	
Registros da pesquisa.....	70
Capítulo 5	
Campos de sentido afetivo-emocional: Interpretações e Reflexões.....	81
Capítulo 6	
Considerações finais.....	102
Referências Bibliográficas.....	110
Anexo I – Parecer da Plataforma Brasil.....	132
Anexo II – Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos Participantes.....	133
Anexo III – Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos Pais ou responsáveis.....	134

“Toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva.

Fome é afeto. O pensamento nasce do afeto, nasce da fome.”

Rubem Alves

APRESENTAÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo investigar o imaginário coletivo de adolescentes sobre a prática de esportes. Insere-se, portanto, num conjunto de trabalhos, desenvolvidos no âmbito do Grupo de Pesquisa PUC-Campinas/CNPq “Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção”.

Ao estudar opressão e preconceito contra vários coletivos humanos, que se tornam vítimas de sofrimentos sociais, temas como desamparo, humilhação e injustiça são frequentes. Entretanto, na presente pesquisa, nosso foco não é o estudo do preconceito, nem do sofrimento dele derivado. Na verdade, nossa intenção, aqui, é a de usar a metodologia de estudo de imaginários com o intuito de sondar a possibilidade de fazer do esporte, realizando sob uma perspectiva brincante, uma mediação em enquadre diferenciado para atendimento psicológico de adolescentes. Em outros termos, dando por certo que muitos adolescentes vivenciam esta fase da vida de modo sofrido, tornando desejável atenção psicológica clínica, colocamo-nos a postos no sentido de ampliar o leque de opções a partir das quais configura práticas de cuidado psicoterapêutico e psicoprofilático. Mais precisamente falando, propomo-nos considerar uma nova possibilidade de oficina para adolescentes, segundo o estilo clínico Ser e Fazer (Ambrósio, 2013).

Esta dissertação está organizada em seis capítulos, conforme detalharemos a seguir, com o intuito de facilitar o trabalho de leitura.

No capítulo inicial, intitulado **Adolescência, Sofrimento e Clínica Psicológica**, abordamos a importante questão, que desafia a clínica psicológica contemporânea, do sofrimento dos adolescentes. Como sabemos, esta fase, que antecede a entrada na vida adulta, coloca os jovens diante de mudanças vitais muito importantes, que se constelam

diferentemente segundo sua condição concreta de vida. Assim, adolecer a partir de uma inserção nas classes médias, com acesso à educação superior, é bem diverso de fazê-lo a partir de situações de pobreza; adolecer como rapaz é bem diferente de fazê-lo como moça; adolecer no interior de um estado nordestino também é bem diferente de fazê-lo em um grande centro urbano da região sudeste do país. Em suma, a adolescência não ocorre de modo homogêneo, de modo que seria mais preciso falar em adolescências, em múltiplas formas de adolecer. De todo modo, optamos, neste momento, dado o compromisso do Grupo de Pesquisa com a produção de conhecimentos que permitam a realização de práticas psicológicas em instituições, por investigar adolescentes que vivem condições de precariedade social. É, portanto, para estes jovens que nos voltamos no presente trabalho, o que não significa que acreditamos que adolescentes das classes médias não vivenciem este período de vida de forma emocionalmente sofrida. Contudo, há diferenças marcantes, que nos aconselham a focalizar separadamente, nas pesquisas, os dramas que uns e outros vivem.

Dedicamos o segundo capítulo, à **apresentação do estilo clínico Ser e Fazer**, uma vez que esta pesquisa se volta para a consideração da possibilidade de o esporte vir a ser uma mediação clinicamente interessante. Buscamos aqui clarificar a proposta dos enquadres diferenciados, bem como apresentar seus fundamentos teóricos, ainda que em linhas gerais. Apresentamos, em sobrevoo, as produções acadêmicas mais importantes, para finalizar tecendo comentários sobre as oficinas, destinadas a adolescentes, já realizadas. Este é um ponto importante, que merece ser destacado, uma vez que concebemos o esporte brincante como mais uma alternativa que se alinharia ao lado de outras, já existentes, que se mostraram clinicamente fecundas.

Dividimos o terceiro capítulo, **Estratégias metodológicas**, em duas partes. Na primeira apresentamos os pressupostos teóricos e conceituais utilizados que norteiam a presente pesquisa empírica com método psicanalítico. Sendo assim, aí discorremos sobre os conceitos de conduta, imaginário coletivo e campos de sentido afetivo-emocional. Na segunda parte desse capítulo, descrevemos os procedimentos investigativos aqui utilizados, que correspondem à forma como operacionalizamos o método psicanalítico. Consideramos indispensável utilizar esta formalização metodológica porque valorizamos o intercâmbio de ideias com autores, que não adotam a perspectiva psicanalítica, mas se interessam pelas mesmas questões sobre as quais nos debruçamos. Vale aqui salientar que a presente investigação corresponde a uma iniciativa que utiliza o método psicanalítico para configurar, registrar e interpretar material que emerge em uma entrevista coletiva, organizada ao redor do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, mas que se encerra por meio de uma retomada das interpretações que já não se faz por meio da atenção flutuante e da associação livre de ideias, mas como trabalho reflexivo.

O quarto capítulo é o trecho, da dissertação, no qual compartilhamos o material empírico, que constituem os **registros da pesquisa**. Inicialmente, cuidamos de caracterizar o contexto institucional, bem como os participantes. A seguir, expomos a narrativa transferencial, que consiste num registro, elaborado de memória e em estado de atenção flutuante, após o encontro com os participantes. Por último estão os desenhos e as histórias produzidos pelos adolescentes que aceitaram contribuir com este trabalho.

No quinto capítulo, para o qual escolhemos o título **Campos de sentido afetivo-emocional: Interpretações e Reflexões**, trazemos nossas interpretações, que consistem, de acordo com nossa perspectiva teórica, em criações/ interpretações de campos de sentido afetivo-emocional ou inconscientes relativos. Como veremos, não operamos com uma noção metapsicológica de inconsciente, segundo a qual este corresponderia a uma instância intrapsíquica ou a uma espécie de mente. De fato, concebemos o inconsciente como campos transferenciais, de caráter indiscutivelmente vincular, como algo que se constela entre pessoas e grupos e não dentro de indivíduos. Deste modo, seguimos as indicações da psicanálise rio-platense begleriana, que se colocou de forma bastante crítica diante do freudismo clássico. Os inconscientes que se configuram em regiões intermediárias podem ser comparados a mundos habitados pelos participantes.

Finalizamos a dissertação com **considerações finais**, propositalmente mais concisas, no âmbito das quais retomamos as interpretações com vistas a retornar à consideração do uso do esporte como mediação brincante na clínica psicológica do adolescente.

CAPÍTULO 1
ADOLESCÊNCIA, SOFRIMENTO E CLÍNICA PSICOLÓGICA

“É o sofrimento que nos faz pensar. Pensamos ou para encontrar formas de eliminar o sofrimento, quando isso é possível, ou para dar um sentido ao sofrimento, quando ele não pode ser evitado.”

Rubem Alves

Optamos por dividir o presente capítulo em duas partes. Na primeira apresentamos pesquisas que têm focalizado a relação entre adolescência e sofrimento, uma vez que esta articulação motiva a busca de modalidades de atendimento para esta faixa etária. Na segunda parte focalizamos a relação entre adolescência, sofrimento e precariedade socioeconômica, em virtude de trabalharmos, na pesquisa empírica, com adolescentes que vivem em condições de precariedade social, já que estabelecemos o estudo do imaginário sobre o esporte com vistas ao seu uso como mediação na atenção psicológica clínica em instituições que acolhem camadas da população que enfrentam problemas socioeconômicos.

Adolescência e sofrimento na literatura científica nacional

Considerando o escopo de uma pesquisa de mestrado, realizamos levantamento bibliográfico da literatura disponível na base Scielo Brasil, tendo em vista sua alta qualidade científica e o fato de ser transdisciplinar, além de trazer os artigos na íntegra, desde sua criação, em 1997 (Souza, 2006). Realizando a busca a partir do cruzamento dos descritores adolescência e sofrimento, sem utilizar filtros por data, obtivemos um retorno de dezenove publicações¹.

Seguindo sistemática adotada anteriormente, no Grupo de Pesquisa “Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção” (Simões, Aiello-Fernandes & Aiello-Vaisberg, 2013) examinamos esta produção levando em conta os itens estruturais por meio dos quais se organizam as investigações empíricas em nossa área de conhecimento: objetivos, procedimentos de coleta, procedimentos de registro,

¹ Este levantamento foi realizado em 16/10/2015 - <http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>

procedimentos de tratamento e resultados que, na pesquisa qualitativa, são de caráter interpretativo. Tendo em vista permitir uma visualização confortável, elaboramos uma tabela, que apresentamos a seguir:

Tabela 1: Artigos que tematizam adolescência e sofrimento

Artigo	Objetivos	Procedimentos de coleta do material	Procedimentos de registro do material	Procedimentos de tratamento do material	Resultados e interpretações
Aragão, T. A., Coutinho, M. D. P. D. L., Araújo, L. F. D., & Castanha, A. R. (2009). Uma perspectiva psicossocial da sintomatologia depressiva na adolescência	Investigar representações sociais de adolescentes sobre depressão	Entrevista, inventário e teste	Gravação	Análise de conteúdo	São encontrados indícios de que as representações sociais associam depressão com termos análogos aos utilizados pela psiquiatria.

<p>Araújo, L. D. C., Vieira, K. F. L., & Coutinho, M. D. P. D. L. (2010). Ideação suicida na adolescência: um enfoque psicossociológico no contexto do ensino médio</p>	<p>Investigar representações sociais de adolescentes sobre ideação suicida</p>	<p>Teste de Associação de Palavras, Inventário e questionário</p>	<p>Não especificado</p>	<p>Análise qualitativa e quantitativa</p>	<p>São encontrados indícios de que cerca de 22,2% dos adolescentes apresenta ideação suicida associada à desesperança e solidão.</p>
<p>Breton, D. (2010). Escarificações na adolescência: uma abordagem antropológica</p>	<p>Investigar escarificações de adolescentes</p>	<p>Ensaio – não se aplica</p>	<p>Ensaio – não se aplica</p>	<p>Ensaio – não se aplica</p>	<p>São encontrados indícios de que se trata de sintoma de sofrimento emocional importante.</p>
<p>Brigitte, B. (2011). O efeito da violência contra crianças e o tratamento na adolescência</p>	<p>Investigar efeitos da violência sofrida na infância em adolescentes</p>	<p>Sessões de atendimento</p>	<p>Não especificado</p>	<p>Estudo das sessões</p>	<p>São encontrados indícios da possibilidade de recuperação do adolescente</p>
<p>Carreiro, T.C. (2003) Sofrimentos Sociais em Debate</p>	<p>Investigar pobreza e sofrimento</p>	<p>Entrevista grupal</p>	<p>Narrativas</p>	<p>Análise de narrativas</p>	<p>São encontrados indícios de sofrimento vinculado à pobreza</p>

<p>Costa, T. F., & Ceolim, M. F. (2010). A enfermagem nos cuidados paliativos à criança e adolescente com câncer: revisão integrativa da literatura</p>	<p>Investigar ação da enfermagem no cuidado a crianças e adolescentes com câncer</p>	<p>Revisão da literatura</p>	<p>Formulário de coleta de dados para cada artigo</p>	<p>Análise integrativa</p>	<p>São encontrados indícios de que o trabalho em equipe, o cuidado domiciliar, o manejo da dor e o apoio à família são muito importantes.</p>
<p>Crivelatti, M. M. B., Durman, S., & Hofstatter, L. M. (2006). Sofrimento psíquico na adolescência</p>	<p>Investigar depressão na adolescência</p>	<p>Entrevistas</p>	<p>Transcrição das entrevistas</p>	<p>Análise categorial</p>	<p>São encontrados indícios de que adolescentes com depressão se apresentam - frágeis, solitários e excluídos. Seu conhecimento sobre a depressão é fragmentado.</p>
<p>Dias, A. C. G., Arpini, D. M., & Simon, B. R. (2011). Um olhar sobre a família de jovens que cumprem medidas socioeducativas</p>	<p>Investigar relação entre adolescente infrator e sua família</p>	<p>Entrevistas</p>	<p>Gravações e transcrições</p>	<p>Abordagem Fenomenológica</p>	<p>São encontrados indícios de que a internação do infrator é vista como medida benéfica ainda que sofrida.</p>

<p>Domingos, S. R. F., Merighi, M. A. B., Jesus, M. C. P., & Oliveira, D. M. (2013). Experiência de mulheres com aborto provocado na adolescência por imposição da mãe</p>	<p>Investigar aborto na adolescência por imposição materna</p>	<p>Entrevista</p>	<p>Gravação</p>	<p>Abordagem fenomenológica-social</p>	<p>São encontrados indícios de dificuldades de comunicação familiar, bem como de fragilidade e falta de autonomia da adolescente</p>
<p>Drieu, D., Proia-Lelouey, N., & Zanello, F. (2011). Ataques ao corpo e traumatofilia na adolescência</p>	<p>Investigar comportamentos suicidas e de risco em adolescentes</p>	<p>Casos clínicos</p>	<p>Não especificado</p>	<p>Análise metapsicológica</p>	<p>São encontrados indícios de que estes comportamentos derivem da fragilização de laços intersubjetivos</p>
<p>Faria, E. C. R., Domingos, S. R. F., Merighi, M. A. B., Jesus, M. C. P., & Ferreira, L. M. G. (2012). Abortamento na adolescência: vivência e necessidades de cuidado</p>	<p>Investigar experiência de aborto em adolescentes</p>	<p>Entrevista</p>	<p>Gravação</p>	<p>Abordagem fenomenológica</p>	<p>São encontrados indícios de que a notícia da gravidez trouxe alegria diante da possibilidade de se tornar mãe, mas também o medo da não aceitação da família</p>

<p>Fonseca, F. F., Sena, R. K. R., Santos, R. L. A. D., Dias, O. V., & Costa, S. D. M. (2013). As vulnerabilidades na infância e adolescência e as políticas públicas brasileiras de intervenção</p>	<p>Investigar vulnerabilidade na infância e adolescência</p>	<p>Revisões não sistemática e integrativa da literatura</p>	<p>Não especificado</p>	<p>Análise documental e temática</p>	<p>São encontrados indícios de avanço na proposição de políticas públicas, mas dificuldade de implementação das práticas</p>
<p>Lima, D. (2004). Depressão e doença bipolar na infância e adolescência</p>	<p>Investigar a depressão e o transtorno bipolar na infância e adolescência</p>	<p>Revisão de Literatura</p>	<p>Não se aplica</p>	<p>Não se aplica</p>	<p>A literatura indica que estes transtornos se apresentam diferentemente na infância, adolescência e idade adulta. Aponta também que se associam tanto a fatores biológicos como a eventos traumáticos</p>
<p>Melo, O., Mota, C. P., & Silva, S. D. (2014). Assumir o papel do Pai!: intervenção psicoterapêutica na adolescência</p>	<p>Investigar experiência traumática na adolescência</p>	<p>Avaliação psicológica e sessões</p>	<p>Relatos de sessões e respostas a testes e escalas</p>	<p>Análise clínica</p>	<p>São encontrados indícios de que o adolescente conseguiu obter melhoras significativas na psicoterapia</p>

<p>Rossetto, M. S., Schermann, L. B., & Béria, J. U. (2014). Maternidade na adolescência: indicadores emocionais negativos e fatores associados em mães de 14 a 16 anos em Porto Alegre, RS, Brasil</p>	<p>Investigar maternidade na adolescência</p>	<p>Questionários e entrevistas</p>	<p>Não especificado</p>	<p>Análise de conteúdo</p>	<p>São encontrados indícios de sofrimento psíquico, autovalorização negativa e pouca ou nenhum expectativa quanto ao futuro.</p>
<p>Sabroza, A. R., do Carmo Leal, M., de Souza Jr, P. R., & Gama, S. G. N. (2004). Algumas repercussões emocionais negativas da gravidez precoce em adolescentes do Município do Rio de Janeiro (1999-2001)</p>	<p>Investigar gravidez na adolescência</p>	<p>Questionário</p>	<p>Respostas obtidas por auto preenchimento</p>	<p>Estudo das variáveis autovalorização e expectativa de futuro</p>	<p>São encontrados indícios de autovalorização negativa e de pouca ou nenhuma expectativa de futuro gerando grande sofrimento psíquico</p>

<p>Sarriera, J.C., Silva, M.A., Kabbas, C, P. & Lópes, V.B. (2001). Formação da identidade ocupacional em adolescentes</p>	<p>Investigar formação de identidade vocacional</p>	<p>Entrevistas</p>	<p>Desenhos e relatos</p>	<p>Análise categorial</p>	<p>Os participantes revelam expectativa de obter trabalho socialmente inclusivo e gerador de renda. Surgem indícios de sofrimento pela exclusão social</p>
<p>Souza, M. K. B., & Santana, J. S. (2009). Atenção ao adolescente vítima de violência: participação de gestores municipais de saúde</p>	<p>Investigar ação de gestores em relação a adolescentes vítimas de violência</p>	<p>Entrevistas e documentos</p>	<p>Relatos de entrevistas e documentos</p>	<p>Análise de conteúdo</p>	<p>São identificadas 3 categorias analíticas: violência como agressão de modo geral, violência como causa de sofrimento e atenção à vítima. Aponta para a responsabilidade dos gestores.</p>
<p>Zagonel, I. P. S., & Neves, E. P. (2002). O ser adolescente gestante em transição: um enfoque de cuidar-pesquisar sob a ótica da enfermagem</p>	<p>Investigar gravidez na adolescência</p>	<p>Entrevista</p>	<p>Gravação</p>	<p>Abordagem heideggeriana</p>	<p>São encontrados indícios de abertura afetiva, temor, prazer, sofrimento e sentimentos de fragilidade durante a gestação na adolescência</p>

A apreciação da tabela I, que consiste numa matriz, indica que a articulação entre os descritores adolescência e sofrimento gera investigações sob diversas abordagens teóricas, usando diferentes procedimentos de coleta, registro e tratamento do material de pesquisa. Este fato evidencia que pesquisadores que seguem diferentes tendências reconhecem a importância do fenômeno do sofrimento adolescente.

Por outro lado, o estudo dos objetivos das investigações revela quais tipos de problemas são considerados como fontes de sofrimento. Apresentamos, a seguir, de forma resumida, facilitando a visualização, os tipos de problemas por número de artigos:

Tabela 2: Artigos por temas

Tipo de problema	Número de artigos
Gravidez/aborto	5
Violência/Delinquência	4
Depressão	3
Suicídio/ideação suicida	2
Autoagressão	1

Pobreza	1
Escolha profissional	1
Câncer	1
Vulnerabilidades não especificadas	1

Como vemos, condições bastante diversas são colocadas na origem do sofrimento adolescente, o que significa que diferentes problemas são reconhecidos como significativos.

À primeira vista, notamos que a gravidez na adolescência e a violência, que são abordadas em cinco e quatro estudos, respectivamente, são os temas mais estudados. Entretanto, considerando a proximidade existente entre depressão, ideação suicida e autoagressão, podemos aglutinar tais categorias, do que resultará um subtotal de seis artigos. A nosso ver, este número revela que os autores têm se preocupado com relação a problemáticas que podem ser consideradas como associadas ao que podemos denominar sofrimentos do espectro depressivo.

Por outro lado, a questão da precariedade social, aparece pouco tematizada como fonte de sofrimento, uma vez que apenas um artigo intitulado Sofrimentos sociais em debate, tematiza a pobreza como problema central. Entretanto, uma retomada destas produções facilmente revela que esta questão, tão importante numa país atravessado por

profundas desigualdades sociais, pode ser encontrada em produções que versam sobre os seguintes temas:

Tabela 3: Artigos que mencionam a precariedade social

Problemática Pesquisada	Número de artigos que mencionam a precariedade social:
Gravidez	2
Formação de identidade ocupacional	1
Infração e cumprimento de medida socioeducativa	1
Sintomatologia depressiva	1
Ideação suicida	1

Adolescência, sofrimento e precariedade social

Na sociedade capitalista atual, a adolescência pode ser vivenciada de diversas formas, segundo o pertencimento a uma ou outra situação social, econômica e cultural, sem seguir um desenvolvimento emocional padrão. Portanto, compreende-se a importância de não ser abordada de forma abstrata, como se fosse homogênea e

uniforme em todos os países e mesmo nas diversas regiões de um país de extensão continental, como o nosso, que, além disso, caracteriza-se por fortes desigualdades sociais.

Com isso, o fenômeno da adolescência como criação cultural/ocidental é apenas uma das formas possíveis para lidar com o processo individual de passagem do estado infantil para o estado adulto. Ao pesquisar adolescentes brasileiros e orientais, Ozella e Aguiar (2008) comprovaram que as diferenças, referentes à cultura, na apropriação das transformações, é claramente perceptível. De acordo com Sang (2009) as diferentes formas de criação, características de sociedade orientais e ocidentais, afetam os adolescentes no que diz respeito à autoimagem, à comunicação com os pais e a interação com amigos.

Se é possível realizar estudo comparativo, entre jovens de ascendência oriental e ocidental, como fez Sang (2009), por outro lado, não deixa de ser fundamental reconhecer a complexidade vigente no seio da sociedade contemporânea, em que nos encontramos inseridos. Deste modo, cumpre lembrar que ser adolescente é diferente conforme pertencemos a camadas médias ou subalternas da população, conforme estejamos inseridos em meio urbano ou rural, conforme vivamos em determinada região de um mesmo país, principalmente quando é vasto e diversificado como o Brasil.

Concebendo, com Bleger (1963), que o ser humano não pode ser entendido fora das condições concretas da sua vida, concordamos com Montezi, Barcellos, Ambrósio & Aiello-Vaisberg (2013), quando afirmam que encontramos, no mundo contemporâneo, muitos modos de "não ser adulto" ou de "ser obrigado a ser adulto",

sem ter meios para realmente sê-lo (Barus-Michel, 2005). A falta de suporte que os jovens pobres sofrem é um desafio para a sociedade civil e para o estado. Além disso, sensibiliza psicólogos, educadores e outros profissionais, da saúde, da educação, da assistência social e do setor jurídico. No que diz respeito à prática psicológica, comprometida com o bem-estar de indivíduos e coletivos, a legítima preocupação com adolescentes pertencentes a camadas desfavorecidas, socialmente desamparados e frequentemente criminalizados, tem nos levado a inclui-los entre os grupos que podem ser beneficiados pelo atendimento em enquadres clínicos diferenciados (Aiello-Vaisberg, 2004).

A criminalização de adolescentes pobres é uma tendência que tem ganho adeptos que, ignorando o imperativo de proteção daqueles que se encontram em fase de desenvolvimento e formação, posicionam-se a favor da diminuição da maioridade penal (Cunha, Rupelato & Alves, 2006). Tal movimento, de caráter absolutamente reacionário, coloca os adolescentes brasileiros em sério risco de perderem direitos conquistados historicamente (Real & Conceição, 2013). Nessa perspectiva, o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Brasil, 1990), que representa uma superação de posicionamentos vingativos e punitivos, contidos pelas leis que anteriormente regiam os direitos de menores em nosso país, estaria sendo perigosamente desconsiderado.

O debate relativo à diminuição da maioridade penal, de caráter político, tenta envolver a opinião pública por meio de um estratagema segundo o qual a legislação vigente, por sua brandura, não dissuadiria o jovem de propósitos delinqüenciais. Entretanto, não vigora, entre nós, impunidade para adolescentes, mas sim uma política pedagógica e educativa, que leva em conta o fato de a infração ter sido cometida por

indivíduos em desenvolvimento que, em geral, provêm de ambientes violentos (Silva, Oliveira, Piccione & Lemos, 2008).

Além disso, a aplicação de medidas socioeducativas para adolescentes em conflito com a lei parece oferecer algum suporte ao jovem e à família, antes ainda mais desamparados (Dias, Arpini & Simon, 2011). De acordo com esses autores, os responsáveis por adolescentes infratores revelam que as atitudes dos jovens, anteriormente à medida estabelecida, eram de revolta e indiferença. Os relatos de pais e responsáveis revelam que se sentiam impotentes para impor regras ou mesmo limites. A grande preocupação em oferecer condições básicas foi relatada por mães que se encontravam desprovidas de estruturas mínimas de apoio, financeiro e psicológico.

No momento, só queremos destacar que todo este debate provavelmente repousa sobre imaginários segundo os quais seria muito grande a participação de adolescentes no crime, de modo que seu envio para a prisão resultaria numa apreciável melhora das condições de segurança pública. Mesmo que não nos alonguemos sobre esta questão, fica patente a fragilidade desse posicionamento, que não se faz sobre levantamentos estatísticos confiáveis, que não leva em conta a legislação vigente, que já se ocupa convenientemente dos adolescentes infratores, além de desconsiderar os determinantes psicossociais da delinquência.

Entretanto não podemos deixar de salientar também que as diversas formas de violências fazem parte do cotidiano de populações que moram em localidades consideradas "perigosas". Alguns adolescentes contam que se sentem muito indefesos ao verem seus pais serem submetidos a atos de ameaça e mesmo de tortura. O relato

destas situações é acompanhado de um sentimento de ódio, seguido, em muitos casos, da aspiração à vingança (Carreteiro, 2003).

No contexto brasileiro tolera-se facilmente que os indivíduos sejam apagados, não importando o sentido atribuído a esta metáfora, seja afastar do campo visual a imagem de um indivíduo, desligar a televisão ou matar brutalmente alguém da categoria social baixa. A eliminação e o combate vão gradativamente ganhando sustentação na sociedade. Eles recebem significações imaginárias fortes – o que contribui para a banalização crescente da violência” (Carreteiro, 2003, p.64).

Tal situação é um indicativo que mostra a necessidade de implantar meios para lidar e problematizar intervenções com adolescentes pobres, pois, ao que tudo indica, no Brasil um número maior de indivíduos, desta faixa etária, morre por violência e não por cometer atos violentos (Matos & Martins, 2013). Deste modo, fica patente quão importantes e necessários são programas que possam oferecer apoio às famílias de baixa renda, como forma de prevenção contra a violência. Por esta via, poder-se-ia evitar que muitos jovens encontrassem na violência a única resposta diante das injustiças e opressões sofridas (Carreteiro, 2003).

Por outro lado, no que diz respeito especificamente à contribuição de uma psicologia clínica social, defendemos a proposição de enquadres passíveis de serem implantados em instituições, a partir do posicionamento do nosso Grupo de Pesquisa PUC-Campinas/CNPq, intitulado “Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção”. Compreendemos que quando a adolescência se articula à precariedade social o resultado pode ser o enfrentamento de diversas dificuldades e

sofrimentos sociais, decorrentes do capitalismo atual, que produz pobreza enquanto simultaneamente incentiva o consumismo.

Dessa forma, levar um atendimento psicológico psicanalítico a jovens em situação de precariedade socioeconômica é parte do nosso projeto maior, pois compreendemos que, em meio a situações adversas, tais pessoas não têm acesso aos consultórios privados. Sendo assim, justifica-se uma preocupação clínica, com o sofrimento adolescente, em vertentes tanto psicoterapêuticas como psicoprofiláticas (Bleger, 1966). É neste contexto que faz pleno sentido a proposição de enquadres clínicos diferenciados, com vistas a estender os benefícios oriundos do conhecimento psicanalítico a parcelas da população que usualmente ficam deles excluídas (Aiello-Vaisberg, 2004).

Os enquadres diferenciados, que apresentaremos mais detalhadamente no próximo capítulo, definem-se pela adoção do *holding* como intervenção privilegiada, por ocorrer preferencialmente em grupo e se articular ao redor do uso de materialidades mediadoras.

O *holding* substitui a interpretação, que aposta no *insight* como condição de mudança subjetiva. Contudo, nenhuma forma de sustentação autêntica dispensa a compreensão aprofundada do drama e das motivações inconscientes das condutas. Por este motivo, os enquadres diferenciados podem ser considerados como modalidades do ofício psicanalítico ou, como diria Winnicott (1963), como arte daquele que sendo psicanalista faz outra coisa, mais apropriada diante do desafio clínico que enfrenta.

As mediações são fundamentais, na medida em que tiram o foco da verbalização, que tantas vezes ocorre a serviço do falso *self*. Desde a criação do estilo clínico Ser e Fazer, diferentes materialidades mediadoras têm sido usadas: polpa de papel, flores, bordados e tapeçarias, esculturas, mala de acessórios para dramatizações, parafina para confecção de velas, fios e contas, pinturas e outras. Sob tal variedade permanece um fundo comum: o fato de corresponderem a sucedâneos dos rabiscos winnicottianos (Vitali,2004).

Um aspecto fundamental na escolha das materialidades é a necessidade de tanto corresponderem a algo de que o psicoterapeuta é amador, como a algo que possa fazer sentido para os pacientes. No início das atividades da “Ser e Fazer”: Enquadres Clínicos Diferenciados, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, espaço acadêmico em que o estilo clínico foi criado, o primeiro aspecto, vale dizer, o fato de lidarmos com materialidades-rabisco, que correspondem a algo com o que o terapeuta mantém vínculo amador, foi ressaltado (Manna & Aiello-Vaisberg, 2013). Nesta fase entendíamos bastar que uma materialidade não fosse aversiva, para um determinado paciente, para que esse pudesse ser incluído no grupo. Contudo, o passar do tempo veio revelar que em alguns casos cabia, também, levar em conta a maior aceitação desta ou daquela materialidade por este ou aquele tipo de paciente.

No momento, pesquisamos o imaginário coletivo de adolescentes em situação de precariedade social sobre práticas esportivas tendo em vista ampliar o leque das mediações passíveis de ser utilizadas em enquadres diferenciados. Assim, entendemos que o esporte pode ser bastante atraente para adolescentes bem como para psicoterapeutas afeiçoados a este tipo de atividade.

CAPÍTULO 2
OFICINAS PSICOTERAPÊUTICAS SER E FAZER: UMA APRESENTAÇÃO

“Que lindo e simples resumo da tarefa da educação! Plantar jardins, construir cidades-jardins, mudar o mundo, torná-lo belo e manso. Aprender construindo. Aprender fazendo. Para que as crianças possam brincar. Para que os adultos possam voltar a ser crianças. E espalhar sonhos, porque jardins, cidades e povos se fazem com sonhos.”

Rubem Alves

Tendo em vista o fato de que nosso objetivo de pesquisar o imaginário coletivo de adolescentes sobre o esporte insere-se na intenção de propor o uso deste tipo de atividade como mediação em atendimentos grupais, delineados segundo o estilo clínico Ser e Fazer, dedicamos o presente capítulo à apresentação dos fundamentos teóricos desta clínica. Nesse sentido, esperamos deixar claro para o leitor o modo como articulamos um estudo sobre imaginário com o cuidadoso processo de proposição de enquadres clínicos diferenciados.

Além disso, apresentaremos e comentaremos as teses e dissertações, por meio das quais propostas Ser e Fazer vêm sendo definidas e fortalecidas ao longo dos anos. Por fim, focalizaremos as oficinas destinadas ao atendimento de adolescentes, que têm usado, como materialidades mediadoras, uma mala de acessórios, para teatro winnicottiano de espontaneidade (Camps, 2003; 2009) ou o uso de fios e contas (Mencarelli, 2010). Refletir sobre todo esse conjunto de iniciativas pode, a nosso ver, tornar-se uma base importante para pesquisadores e clínicos interessados na clínica do adolescente.

Ambiente, *holding* e transicionalidade

Os fundamentos teóricos do estilo clínico Ser e Fazer foram apresentados, de modo suficientemente aprofundado, por Aiello-Vaisberg (2003), quando discriminou com clareza a diferença existente entre uma clínica psicanalítica baseada na enunciação de sentenças interpretativas, que entende que a mudança terapêutica depende do *insight*, e um posicionamento alternativo, que não abre mão do método da psicanálise, mas toma o *holding*

como intervenção geradora de movimentos mutativos. Contudo, talvez seja interessante, primeiramente, apresentarmos o contexto institucional em que esta proposta teve origem.

O espaço clínico e acadêmico conhecido como “Ser e Fazer”: Enquadres Clínicos Diferenciados foi criado em 1997, no Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, pela Professora Livre Docente Tânia Aiello-Vaisberg. Surgiu como um setor do Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Institucional, instância institucional que corresponde ao Grupo de Pesquisa USP/CNPq Psicopatologia, Psicanálise e Sociedade, certificado em 1992, sob a liderança da mesma docente.

Articulando pesquisa e extensão, esta iniciativa tinha como objetivo primeiro o desenvolvimento da proposição de modalidades de atendimento clínico diferenciadas, a serem implantadas em contextos institucionais, bem como o estudo de sua eficácia clínica. O termo diferenciado assumiu, desde o início, um significado bastante preciso, para referir modos de trabalhar em clínica que fazem uso do método psicanalítico, mas que não se confundem com o dispositivo freudiano, forjado para o atendimento individual de pacientes diagnosticados como neuróticos.

Em momento posterior, o estilo clínico Ser e Fazer encontrou espaço na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, no contexto do Grupo de Pesquisa Atenção Psicológica Clínica em Instituições que, já em seu título, demonstra a

preocupação com o desenvolvimento da psicologia clínica em contextos institucionais. Neste ambiente, foi produzida a tese de doutorado defendida por Ambrosio (2013), trabalho fundamental pelo fato de coroar esforços na busca de um modo de avaliar benefícios terapêuticos, que não se limita ao uso de depoimentos dos pacientes nem os coloca em situação de serem objetivamente testados. A perspectiva apresentada por Ambrosio (2013) corresponde à formalização de uma forma de supervisão que foi gestada desde o início dos atendimentos Ser e Fazer, mediante a qual se pode iluminar o processo ao longo do tempo, a partir da interpretação de campos transferenciais sucessivamente constelados durante o atendimento.

Vale, também, lembrar a realização da Oficina de Objetos e Lembranças de Infância, destinada a pais, avós, professores e cuidadores, realizada por quintanistas no contexto da supervisão clínica. Essa iniciativa revelou-se clinicamente fecunda, na medida em que permitiu um visível aumento de sensibilidade dos adultos em relação às crianças e adolescentes, por uma via de recuperação das próprias vivências. Assim, não privilegiando caminhos pautados em orientações ou na enunciação de sentenças interpretativas, esses cuidadores chegaram, a partir de sua própria criatividade, a uma maior compreensão dos problemas que tinham provocado a busca de ajuda psicológica na clínica escola (Ferreira, Lima & Aiello-Vaisberg, 2014)

O estilo clínico Ser e Fazer se inscreve, nitidamente, a partir de fundamentos pós-winnicottianos. Contudo, é importante notar que a tomada desse psicanalista como interlocutor privilegiado se faz desde uma perspectiva teórico-metodológica precisa, vale dizer, a da psicologia concreta, proposta por Politzer (1928) e difundida na América Latina por Bleger (1958; 1963) Nesta, o homem jamais é visto como um ser

isolado e abstrato, mas sim inevitavelmente inserido na sociedade, em contextos culturais, históricos e geopolíticos (Bleger, 1963).

A psicologia psicanalítica concreta critica duramente a metapsicologia, porque nesta o fato psicológico é tratado em terceira pessoa, vale dizer, objetivado. Ora, quando o vivido é assim abordado, opera-se um movimento de alta abstração, ocorrendo um distanciamento em relação à experiência. O oposto é o que caracteriza uma orientação concreta, que focaliza o fato psicológico em primeira pessoa, como ato, como drama (Politzer, 1928). Há fortes razões para pensarmos Politzer (1928) e Bleger (1958; 1963) como verdadeiros precursores da chamada virada relacional no campo psicanalítico (Reis, 1999). Tal fato foi reconhecido com muita clareza por Liberman (2014), que apontou para as convergências existentes entre as formulações teóricas de Bleger (1958; 1963; 1966) e Stephen Mitchell (1988; 2000). Um dos aspectos fundamentais do modelo psicanalítico relacional consiste na crítica a um inconsciente intrapsíquico e na defesa de um inconsciente relacional, que surge nos encontros e relações entre pessoas e/ou produções humanas (Greenberg & Mitchell, 1994; Mitchell, 1993; 2013).

A busca por uma psicologia psicanalítica concreta motivou o grupo de pesquisadores da “Ser e Fazer” a valorizar o pensamento winnicottiano. De fato, mesmo quando usa termos que fazem parte do jargão teórico da psicanálise, tais como ego, inconsciente ou mecanismos de defesa, ou quando usa esquemas desenvolvimentistas, de clara inspiração biológica, o psicanalista inglês nunca se afasta do plano concreto do drama, do acontecer humano. Não se pode negar, evidentemente, que tenha tido dificuldades para teorizar sobre o indivíduo como sujeito social, para além do círculo familiar. Contudo, suas formulações teóricas, que se mantêm fieis à experiência vivida,

sem nunca vincular a causalidade das condutas unicamente a processos biológicos, ou a entidades estruturais supra-humanas, certamente atendem às exigências de uma abordagem concreta.

De acordo com Winnicott (1990), dois diferentes motivos podem presidir a busca de atendimento psicológico: a necessidade de aumentar o autoconhecimento ou o anseio por se sentir vivo e real. A necessidade de aumentar o autoconhecimento tem, nessa perspectiva, um sentido fundamentalmente defensivo. O anseio por se sentir vivo e real deriva de uma tendência, caracteristicamente humana, de busca de autorrealização das próprias potencialidades. O autor atribui o primeiro tipo de motivação ao paciente neurótico e o segundo ao paciente psicótico ou ao que denomina de psicótico normal. Entretanto, também reconhece, ainda nos anos de 1960, que os neuróticos parecem vir se tornando cada vez mais raros, enquanto o número de pessoas que lutam com intensidade pela possibilidade de se sentirem vivas, normais e capazes de gestualidade espontânea parece aumentar expressivamente (Winnicott, 1963).

De todo modo, o que parece ser importante ressaltar é o fato de a clínica winnicottiana e, posteriormente, o estilo Ser e Fazer, tomarem a psicose – e não a neurose – como matriz clínica. Isso significa que o trabalho não visará ao incremento do autoconhecimento pela via do *insight*, mas, sobretudo, à criação de condições que permitam a conquista de um posicionamento existencial vivo, real e brincante (Aiello-Vaisberg, 2003). Quando o trabalho clínico não se inscreve como auxílio na busca do autoconhecimento, importantes mudanças têm lugar. A principal delas é um deslocamento de ênfase da interpretação para o *holding*. Desse modo, o desafio que se coloca ao profissional será o de proporcionar um ambiente suficientemente bom no qual

o paciente possa, sentindo-se sustentado, viver sua continuidade de ser e deixar fluir seu potencial criador. Podemos conceber o *holding*, de modo ampliado, como um conjunto de atos de cuidado, absolutamente sintonizado com necessidades reais, que acontecem em ambiente protegido, viabilizando a continuidade de ser. Esta, por seu turno, descortina a possibilidade de prosseguimento numa trajetória de desenvolvimento emocional, permitindo a integração dos aspectos dissociados, a personalização em um corpo próprio e a realização, vale dizer, o estabelecimento de vinculação com a realidade (Medeiros & Aiello-Vaisberg, 2014).

Todo o encontro psicoterapêutico será configurado de acordo com o estilo “Ser e Fazer”, com vistas à constelação de um ambiente suficientemente bom. Nele, pode ter lugar a expressão de angústias, sonhos, devaneios, alegrias, enfim, experiências que, quando sustentadas por profissionais capacitados, podem ser existencialmente elaboradas, segundo uma visão da potencialidade mutativa, que não passa pela aquisição de autoconhecimento e sim pela conquista de novo posicionamento vital. Dispensa-se a interpretação para dar-se lugar ao *holding*. Isso não significa que não ocorram, na prática, algumas interpretações. Entretanto sua função não é a da provisão do *insight*, mas a de manter sustentação emocional (Aiello-Vaisberg, 2003).

Vale a pena lembrar a original concepção winnicottiana acerca da psicoterapia:

Ao enunciar minha tese, como muitas vezes aconteceu, descubro que ela é muito simples e poucas palavras se tornam necessárias para abranger o assunto. A psicoterapia se efetua na sobreposição de duas áreas do brincar, a do paciente e a do terapeuta. A psicoterapia trata de duas pessoas que brincam juntas. Em

consequência, onde o brincar não é possível, o trabalho efetuado pelo terapeuta é desenvolvido então no sentido de trazer o paciente de um estado em que ele não é capaz de brincar para um estado em que o é (Winnicott, 1971/1975, p. 63).

A provisão de *holding* demanda que o terapeuta esteja realmente presente ao encontro. Isso significa que sua presença não é neutra, que deve ser vivenciado como vivo e real. Sua personalidade deve se realizar, nos encontros, de forma menos verbal e mais gestual e expressiva, o que pode eventualmente exigir alterações ativas no *setting* para que os encontros sejam mais bem aproveitados terapeuticamente (Aiello-Vaisberg & Ambrosio, 2005).

Teses e dissertações “Ser e Fazer”

No intuito de apresentar uma revisão bibliográfica de teses e dissertações realizadas no contexto da “Ser e Fazer”: Oficinas Psicoterapêuticas de Criação, Montezi, Barcelos, Cia e Aiello-Vaisberg (2012) analisaram sistematicamente as produções feitas no Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social do IPUSP, no qual está inserido o espaço de pesquisa e extensão “Ser e Fazer”: Enquadres Clínicos Diferenciados. Atualmente, conta com 34 trabalhos acadêmicos, sendo 20 mestrados e 14 doutorados:

Tabela 4: Teses e dissertações Ser e Fazer

Título	Nível	Ano	Autor
“Atendimento psicológico em hospital-escola: análise da expectativa de um grupo de pacientes de clínica ginecológica”	Doutorado	1990	Rosa Maria Carvalho da Silveira
“Jogo do rabisco um espaço compartilhado: reflexões sobre a contribuição de Winnicott ao diagnóstico psicológico”	Mestrado	1993	Neyza Maria Sarmento Prochet
“Representações da assistência psicológica e do psicólogo no imaginário das sentenciadas da penitenciária feminina”	Mestrado	1993	Roberto Evangelista

<p>“Fantasias e angústias na relação com a música: ressonâncias de experiências precoces com a voz materna”</p>	Mestrado	1994	Monica Reiche
<p>“Universo em desencanto: conceitos, imagens e fantasias de pacientes psiquiátricos sobre loucura e /ou doença mental”</p>	Doutorado	1995	Maria Christina Lousada Machado
<p>“Sofrimentos da vida: a loucura no cotidiano de mulheres”</p>	Mestrado	1995	Thames Waléria Borges
<p>“Morte e prática médica: ensaio reflexivo sobre o discurso de cardiologistas”</p>	Mestrado	1995	Monica Andreis

<p>“Obesidade: estudo das representações sociais de endocrinologistas em hospital público”</p>	Doutorado	1998	<p>Dinorah Fernandes Gioia Martins</p>
<p>“O procedimento de desenhos- estórias como modalidade de intervenção nas consultas terapêuticas infantis”</p>	Doutorado	1998	<p>Thames Waléria Borges</p>
<p>“Prostitutas no Jardim da Luz: dor e prazer na batalha pela sobrevivência”</p>	Doutorado	1998	<p>Jacqueline Isaac Machado Brigagão</p>
<p>“Soropositividade, relatos: do não lugar ao lugar da alteridade”</p>	Doutorado	1999	<p>Belkis Vinhas Trench</p>
<p>“Médicos com diferentes esquemas conceituais- referenciais diante da dimensão psíquica: um estudo comparativo”</p>	Mestrado	1999	<p>Igor Sergins Prujansky</p>

<p>“Asilamento de pessoas com deficiência: institucionalização da incapacidade social”</p>	Doutorado	2000	Ana Rita de Paula
<p>“Encontros terapêuticos com gestantes à luz da preocupação materna primária”</p>	Mestrado	2000	Tania Maria Marques Granato
<p>“Ser e fazer em grupo: proposta de uma leitura winnicottiana com fundamentação teórica do uso de "técnicas" grupais”</p>	Doutorado	2000	Gilberto Ferreira da Silva
<p>“Práticas psicanalíticas em instituição: oficina de arranjos florais”</p>	Mestrado	2001	Haroldo Tuyoshi Sato

<p>“Meninos de rua e meninos de casa representação social de adolescentes: um estudo sobre alteridade”</p>	Mestrado	2001	Marisa Minhoto
<p>“A passagem do tempo e suas ressonâncias íntimas”</p>	Doutorado	2002	Ana Clara Duarte Gavião
<p>“A hora do beijo teatro espontâneo com adolescentes numa perspectiva winnicottiana”</p>	Mestrado	2003	Christiane Isabelle Couve de Murville Camps
<p>“Consulta psicoprofilática ao residente de medicina: proposta de um enquadre diferenciado à luz da perspectiva winnicottiana”</p>	Mestrado	2003	Adriana Micelli Baptista

<p>“Em defesa de uma clínica psicanalítica não-convencional: oficinas de velas ornamentais com pacientes soropositivos”</p>	Mestrado	2003	Vera Lucia Mencarelli
---	----------	------	-----------------------

<p>“O porco-espinho, o menino do furacão e outras histórias: quadros de uma exposição psicanalítica.”</p>	Mestrado	2003	<p>Marcelo Lákaki Agostinho</p>
---	----------	------	-------------------------------------

<p>“Um lugar a partir do qual olhar: viagem através da dependência”</p>	Mestrado	2003	Sabrina Giorgi
---	----------	------	----------------

<p>“Tecendo a clínica winnicottiana da maternidade em narrativas psicanalíticas”</p>	Doutorado	2004	<p>Tania Maria Marques Granado</p>
--	-----------	------	--

“Encontrando a mulher: a psicanálise do self na abordagem de um singular plural”	Mestrado	2004	Jacirema Cléia Ferreira
“Flor-rabisco: narrativa psicanalítica sobre uma experiência surpreendente”	Mestrado	2004	Lígia Masagão Vitali
“Ser e Fazer- arte de papel: uma oficina inclusiva”	Mestrado	2005	Fabiana Follador Ambrósio
“Enquadres clínicos diferenciados na reforma psiquiátrica”	Doutorado	2007	Haroldo Tuyoshi Sato
“Ser e fazer na escolha profissional: atendimento diferenciado na clínica winnicottiana”	Doutorado	2009	Christiane Isabelle Couve de Murville Camps
“Girando o cata-vento: sofrimento e cuidado na psicanálise do ser e fazer”	Doutorado	2009	Clarissa Medeiros

“Compaixão na contratransferência: cuidado emocional a jovens HIV+(s)”	Doutorado	2010	Vera Lucia Mencarelli
“O Imaginário coletivo de cuidadores de idosos na saúde pública: um estudo psicanalítico”	Mestrado	2013	Roberta Elias Manna
“Sonho desfeito: anencefalia e experiência emocional de pais”	Mestrado	2014	Walkiria Cordenossi Cia
“A História da Menina Morta: (des)esperança de adolescentes em situação de precariedade social”	Mestrado	2014	Tomíris Forner Barcelos

Se focalizamos as produções que mais convergem com o estudo atual relativo à possibilidade de usar esporte como mediação em atendimentos pela via do estudo sobre o imaginário coletivo de adolescentes, consideraremos que se articulam com dois tipos de pesquisa: aquelas relativas aos estudos sobre imaginários coletivos ou representações sociais e aquelas que versam sobre eficácia clínica de enquadres diferenciados.

Há, todavia, de lembrar que o último e importante trabalho sobre o estilo clínico Ser e Fazer, anteriormente citado, foi de autoria de Fabiana Follador Ambrosio, realizada na Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Os resultados dos dois grupos de pesquisa, com os quais a presente investigação se articula, têm-se mostrado coerentes. Assim, os trabalhos sobre imaginários coletivos e representações têm nos permitido abordar questões relativas a variadas formas de preconceito, convergindo no reconhecimento de que um substrato afetivo-emocional se encontra na base das condutas preconceituosas. Por outro lado, as pesquisas sobre potencialidade mutativa as quais afirmam, em sua totalidade, que mudanças terapêuticas significativas sempre têm lugar. Contudo vale a pena sublinhar que os modos como estas mudanças foram detectadas variou ao longo do tempo, desde o início, quando se limitavam a uma avaliação qualitativa pouco organizada e pouco precisa do processo até a formalização de um procedimento de avaliação de benefícios terapêuticos, passando por consolidações paulatinas de uma prática de pesquisa e supervisão que se baseia na compreensão de campos transferenciais (Ambrosio & Aiello-Vaisberg 2014).

Uso de materialidades mediadoras com adolescentes

O “Jogo dos Rabiscos” (Winnicott, 1971/1975) serviu como inspiração para o uso de materialidades mediadoras, em ambiente terapêutico suficientemente bom. Estas se apresentam como mediadores que visam facilitar a comunicação emocional. Para tanto, devem ser amorfas, para que sejam usadas e manipuladas livremente. Aqui o importante não é a qualidade estética das produções, mas o gesto criador. Alguns dos

exemplos de materialidades já utilizadas são: cartas, papéis, velas ornamentais, desenhos-estórias, feltro, argila, entre outros.

Um aspecto fundamental relativo à escolha da materialidade é que o terapeuta deve ter uma relação amadora, no preciso sentido do termo com a materialidade. Ou seja, deve sentir apreço pela materialidade, mas não pode ser um profissional que a utiliza pelo menos durante a sessão. Entretanto, a escolha da materialidade também envolve outras considerações relativas aos pacientes. Por exemplo, sabemos que as oficinas de arranjos florais não costumam atrair pessoas de sexo masculino (Sato, 2001; 2007). Por outro lado, as pesquisas mostraram, de modo surpreendente, que bordados podem ser bem aceitos por homens idosos (Manna, 2013).

No que tange à adolescência, duas principais materialidades mediadoras têm sido utilizadas pelos psicólogos psicanalistas que adotam o estilo clínico Ser e Fazer: a mala de acessórios para a realização do teatro winnicottiano da espontaneidade e os fios e contas para a realização da oficina de pulseirinhas.

Confrontada com a necessidade de atender meninas soropositivas para HIV – contaminadas por suas mães já durante o processo gestacional, vale dizer, por via direta, por isso essas pequenas pacientes tomavam remédios antirretrovirais desde o nascimento –, Mencarelli (2010) veio a realizar uma oficina de pulseirinhas. Vale a pena discorrer brevemente sobre tal experiência. Apoiou-se muito, nesta iniciativa, em experiências anteriores de revelação diagnóstica para adolescentes (Mencarelli & Aiello-Vaisberg, 2007).

Mencarelli (2003) já contava com larga experiência como psicóloga/ psicanalista voltada ao cuidado psicológico de pacientes adultos soropositivos, ou já adoentados pelo HIV, como bem demonstra seu trabalho de mestrado, onde apresenta a Oficina Ser e Fazer de Velas Ornamentais (Mencarelli, 2003; Mencarelli & Aiello-Vaisberg, 2005). Esse trabalho foi iniciado numa época em que a sobrevivência era inferior àquela hoje alcançada pelas pessoas contaminadas, ou seja, enfrentava condições piores do que as atuais. Essa iniciativa mostrou-se clinicamente fecunda, na medida em que tanto favoreceu maior adesão ao tratamento quanto melhorou a elaboração do fato, em si mesmo invasivo, de estar acometido por uma doença de alta gravidade, socialmente estigmatizada. Em muitos casos permitiu que a pessoa lidasse emocionalmente com a perspectiva de piora e de anúncio de morte.

Merece destaque o fato de este trabalho ter permitido a percepção de que as oficinas podiam ser utilizadas como área de descanso emocional, sem implicar negação da realidade (Mencarelli, 2003; Mencarelli & Aiello-Vaisberg, 2005). Tal fenômeno surgiu como uma solução criadora, criada/encontrada pelos próprios pacientes, que permitiu muito lidar com o fato de a doença orgânica grave e fatal irromper de modo invasivo, do ponto de vista emocional, como interrupção da continuidade dramática do viver, o que provoca, em muitos, um defrontar-se com agonias impensáveis (Vitali, 2004).

Finalizamos esta rápida exposição sobre oficinas para adolescentes que vivem a condição soropositiva para o HIV lembrando que tal iniciativa faz parte, evidentemente, de dois conjuntos de problemas: os problemas graves de saúde e o enfrentamento da adolescência, como fase de vida prenhe, em nossa sociedade, de inúmeros desafios.

Prosseguiremos na consideração do atendimento de adolescentes, mas não podemos nos furtar de mencionar que as oficinas Ser e Fazer, ainda que forjadas para atendimentos em instituições, inicialmente no campo da saúde mental e da reforma psiquiátrica brasileira (Sato, 2001; 2007) revelaram-se surpreendentemente benéficas no campo do tratamento psicológico do adoecimento orgânico (Aiello-Vaisberg, 2015).

A outra materialidade utilizada, na clínica da adolescência, foi o teatro winnicottiano da espontaneidade, que se caracteriza pela apresentação de uma mala repleta de peças e acessórios de vestuário, que favorecem a execução de dramatizações. Foram utilizadas em duas diferentes iniciativas: em atendimento de caráter psicoprofilático de adolescentes de baixa renda (Camps, 2003) e como mediador em oficinas destinadas a favorecer o processo de escolha profissional (Camps, 2009; Camps, Barcelos & Aiello-Vaisberg, 2014). O trabalho psicoprofilático com oficinas de teatro espontâneo winnicottiano permitiu que percebêssemos a importância que a vivência da sexualidade assume na vida dos jovens e que pudéssemos constatar de que forma a apresentação da materialidade mediadora, constituída, no caso, pela mala, via proposta da dramatização como atividade brincante e pelo *holding* permitiu a expressão de questões, que parecem gerar muita ansiedade, em situação maximamente relaxada e descontraída. Como se tratava de adolescentes de baixa renda, não surpreende constatar que muitas vezes as questões relativas à sexualidade, vivenciada como uma das formas de entrada na vida adulta, quando se consolidaria como casamento, viessem bastante permeadas por preocupações com a pobreza, como bem mostra, por exemplo, a dramatização que recebeu o título de “O Casamento do Mendigo” (Camps, 2003).

Um aspecto bastante interessante a destacar nestas oficinas psicoprofiláticas diz respeito ao fato de permitirem o atendimento conjunto de um número grande de adolescentes, cerca de vinte, sem que a atenção psicológica clínica seja prejudicada. Esse fato se reveste da maior importância quando pensamos nos recursos necessários no campo da saúde mental pública e em trabalhos clínicos em instituições. Miramo-nos neste exemplo quando pensamos no uso do esporte como mediação.

Lembramos, ainda, que nestas oficinas de dramatização, ambas realizadas em escolas, que dispunham de salas relativamente grandes e foram esvaziadas do mobiliário convencional, os adolescentes parecem bastante confortáveis com a possibilidade de movimentação relativamente ampla. Desse modo, toda a corporeidade comparece ao encontro clínico – algo que difere muito do que é habitualmente exigido pelos atendimentos psicológicos convencionais, que ocorrem em posição sentada diante de um profissional que também permanece sentado.

Este último aspecto, com cuja consideração encerramos este capítulo, parece-nos bastante importante e aponta para a perspectiva do uso de mediações que, como o esporte, envolvem corpo e movimento, como uma possibilidade que merece ser mais investigada. É evidente que, conforme os princípios norteadores do estilo clínico Ser e Fazer, somente psicoterapeutas que mantenham vínculos amadores com as práticas esportivas e tenham recebido a formação supervisionada estarão habilitados a realizar tal tipo de trabalho clínico, em vertentes terapêuticas ou psicoprofiláticas. Por outro lado, apenas quando realizadas de forma verdadeiramente brincantes, ou seja, depuradas da cultura autoritária e eivada de humilhações, que habitualmente caracteriza o preparo

de atletas de alto rendimento, poderão as atividades esportivas ser proveitosamente utilizadas na clínica psicológica do ser e do fazer.

CAPÍTULO 3
ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

“Conhecer é reduzir o desconhecido ao conhecido. O conhecido, o familiar, é a rede com que nos aventuramos a pescar no mar do ignorado. Compreensivelmente – e não poderia ser de outra forma – a gente só pesca o que cabe nessa rede.”

Rubem Alves

Este capítulo foi desenvolvido em duas partes. A primeira apresenta os pressupostos teóricos conceituais que sustentam a metodologia utilizada, como os termos conduta, imaginário coletivo e campos de sentido afetivo-emocional. A segunda parte introduz o acontecer processual da pesquisa, trazendo a descrição dos procedimentos investigativos em três passos, a configuração do encontro, o registro e a interpretação do material.

Pressupostos teóricos e conceituais

Quando adotamos, como perspectiva teórica, a psicologia concreta, entendemos que todas as ciências humanas investigam um mesmo e único fenômeno: a conduta dos seres humanos. Cada ciência se ocupará de um conjunto de aspectos ou qualidades do fenômeno humano, dada sua complexidade. Além disso, no âmbito de cada ciência, esta ou aquela perspectiva teórico-metodológica poderá ser adotada pelo pesquisador.

De nossa parte, posicionamo-nos como pesquisadoras do campo da psicologia que optam por um referencial psicanalítico o qual, de acordo com a perspectiva concreta, significa adotar um método que operacionalizaremos de modo a poder estabelecer diálogos com pesquisadores que utilizam outras orientações teóricas.

O método psicanalítico investiga os seres humanos e suas condutas a partir do pressuposto segundo o qual não existem condutas absurdas, vale dizer, isentas de sentido afetivo-emocional. Evidentemente, não se desconhece o fato de que muitas manifestações humanas se apresentam como aparentemente desprovidas de sentido. Entretanto, admitimos que, onde parece inexistente, o sentido permanece apenas oculto,

vale dizer, não consciente. Os sentidos podem, em princípio, ser recuperados por meio do correto uso do método, o que resultará na constatação de que se ligam inevitavelmente à vida dramática e concreta da pessoa (Politzer, 1928).

Enquanto método de estudo das condutas humanas, a psicanálise permite que abordemos manifestações de indivíduos e de coletivos. Permite, igualmente, que estudemos produtos das condutas humanas, objetos, produções culturais e artísticas. Desse modo, tanto se presta ao estudo de manifestações que se dão no contexto da clínica psicanalítica, em atendimentos segundo enquadres clássico e diferenciado, como à abordagem de condutas que se dão no cotidiano das interações entre indivíduos e grupos.

O presente trabalho se insere, assim, como investigação qualitativa que faz uso do método psicanalítico segundo a perspectiva da psicologia concreta (Bleger, 1963; Politzer, 1928). Inscreve-se, assim, entre aqueles que vêm sendo orientados pela Professora Livre Docente Tânia Aiello-Vaisberg, os quais se dividem em duas vertentes: estudos sobre imaginários coletivos e estudos sobre potencialidade mutativa de enquadres clínicos diferenciados.

A primeira vertente consiste no estudo de condutas imaginativas, que se constelam como verdadeiros ambientes humanos, inseridas em contextos sociais, econômicos, culturais, históricos e geopolíticos. Esse estudo tem se revelado bastante fecundo especialmente nos fenômenos ligados ao preconceito.

A segunda vertente corresponde ao estudo da eficácia clínica de enquadres psicanalíticos clássicos e diferenciados. Consiste na busca por modalidades avaliativas de processos psicoterapêuticos coerentes com os pressupostos de uma psicanálise intersubjetiva, segundo os quais não faz sentido utilizar procedimentos de avaliação que seguem um modelo sujeito-objeto. Resulta, assim, de um esforço por superar as insuficiências de estudos baseados apenas na supressão de sintomas ou em depoimentos de pacientes sobre vivência de melhoras clínicas (Aiello-Vaisberg,2007).

Vários trabalhos deste conjunto, tal como o estudo de Camps, Barcelos e Aiello-Vaisberg (2014), encontraram em Ambrosio (2013) um interessante coroamento, na medida em que aí se alcança a formalização de um procedimento coerente com o chamado estilo clínico Ser e Fazer (Ambrosio e Aiello-Vaisberg, 2014).

Vale, entretanto, destacar uma peculiaridade importante da presente iniciativa, que consiste em se constituir como estudo do imaginário de adolescentes tendo em vista subsidiar a proposição de oficinas clínicas nas quais o esporte pode ser utilizado como recurso mediador. Nesse sentido estamos articulando um uso diverso do estudo de imaginários que, desde o estudo que serve de base para o conjunto de tais produções (Aiello-Vaisberg, 1999), esteve primariamente ligado ao estudo de variadas formas de condutas preconceituosas e aos chamados sofrimentos sociais (Gonçalves, 1998; Carreiro, 2003; Sirota, 2008). Aqui focalizamos o imaginário de adolescentes sobre a prática de esportes sem vinculá-lo, de saída, ao fenômeno do preconceito.

Abordamos condutas humanas desde uma perspectiva psicanalítica quando visamos conhecer seus sentidos afetivo-emocionais. Tais sentidos podem ser pensados

como algo que tem origem na interioridade psíquica individual ou serem vistos como algo que se produz entre seres humanos, em suas interações. Evidentemente, não negamos a importância das vivências individuais, mas duvidamos que se plasmem a partir de um mundo interno de emoções desconectado da vida relacional. Ao contrário, entendemos que o que cada um vivencia é fruto daquilo que se passa na vida vincular.

Como estudo psicanalítico e concreto sobre imaginários coletivos, a presente pesquisa se assenta sobre o uso de alguns conceitos básicos: 1) conduta, 2) imaginários coletivos e 3) campos de sentido afetivo-emocional. Por esse motivo, passaremos, a seguir, a defini-los, tendo em vista facilitar a leitura desta dissertação. Tais noções têm sido utilizadas em diversas pesquisas de mestrado e doutorado, a partir das quais derivam várias publicações científicas, o que evidencia a aceitação de nossas bases conceituais. (Pontes, et al, 2008; Martins & Vaisberg, 2009; Barcelos, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2010; Fialho, et al, 2012; Granato & Aiello-Vaisberg, 2013).

O conceito de conduta surge, na psicologia concreta de Bleger (1963), para substituir o conceito politzeriano de fato psicológico em primeira pessoa. Evidentemente, o termo faz lembrar o behaviorismo, mas não se confunde, de modo algum, com este, pois deriva da tradição francesa (Dagfal,2015). A palavra conduta, cuja etimologia é latina, significa conduzida ou guiada. Traz, portanto, implícita, a ideia de que os atos humanos seriam guiados pela mente. Entretanto, no contexto da psicologia concreta, o termo não serve para conotar o comportamento como fruto da determinação psíquica e sim para qualificar todo e qualquer ato humano, seja este psíquico, corporal ou de atuação propriamente dita no mundo externo. Por esse motivo, afirma Bleger (1963) que o fenômeno da conduta, em si mesmo unitário, pode se

expressar em três diferentes áreas: área simbólica ou mental, área corporal e área de atuação no mundo. Assim, não entendemos que existiriam diferentes tipos de conduta, nem que a mente causaria o ato, preferindo pensar que mente, corpo e ato correspondem a diferentes modos pelos quais as manifestações humanas podem se apresentar.

Quando realizamos investigações psicológicas, em viés psicanalítico, podemos recortar conjuntos de condutas para focalizá-las mais acuradamente. Evidentemente, tais recortes são artifícios facilitadores do estudo do fenômeno humano, em si um devir complexo, de difícil apreensão pela via do intelecto. Sendo assim, estamos conscientes de que, ao buscamos facilitar nossa aproximação dos fenômenos não estamos postulando que este ou aquele grupo de condutas goze de um estatuto ontológico privilegiado. Em outros termos, podemos destacar, por exemplo, um conjunto de condutas, que denominamos imaginários, sem sustentar que correspondam a um tipo especial e destacado das demais condutas. É de acordo com tal perspectiva que postulamos, para efeitos de estudo, a focalização do que temos designado como imaginários coletivos, tendo em vista viabilizar certas pesquisas (Aiello-Vaisberg e Machado, 2008).

Nesse âmbito, podemos definir os imaginários coletivos como conjuntos de condutas que, expressando-se nas três áreas, veiculam crenças de indivíduos e grupos. Assim, o imaginário coletivo tanto corresponde à atividade imaginativa, tal como se faz no pensar, no sonhar ou no devanear, como a alterações corporais ou atos que surgem como expressão de crenças. Como exemplo de imaginário expresso pelo corpo, podemos citar uma aceleração cardíaca e sudorese, em condição de percepção de pessoas que acreditamos serem perigosas. Podemos, também, ilustrar manifestação

imaginativa segundo área de expressão por atuação no mundo externo lembrando-nos de comportamentos tais como jamais deixar os vidros do automóvel aberto – expressando nossa crença de que as ruas são inseguras. Outro exemplo seria o de profissionais de saúde que se sentem menos arriscados a contrair doenças infectocontagiosas quando lidam com crianças, conduta que repousa na crença de que estas, por sua inocência, seriam menos capazes de promover adoecimento de seus cuidadores (Aiello-Vaisberg e Borges,1992).

Concebendo o imaginário como conduta – e afastando-nos, assim, de outros tantos modos como tal conceito é usado na filosofia e nas ciências humanas, temos buscado formas de permitir sua manifestação. O Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, desenvolvido por Aiello-Vaisberg (1999), a partir da proposta psicodiagnóstica idealizada por Trinca (1976), é um recurso, dentre outros, que facilita a manifestação de condutas imaginativas. Assim, quando solicitamos ao participante de uma pesquisa que desenhe um idoso, uma criança problema, um paciente psiquiátrico ou qualquer outro tema e o convidamos a inventar uma história sobre a figura desenhada, estamos favorecendo sua expressão imaginativa por meio de atos que produzem duas obras: um desenho e uma narrativa. Deste modo, condutas de atuação no mundo externo convertem-se em produtos que podem ser revisitados pelo pesquisador após a entrevista propriamente dita.

O conceito que representa nossa base da interpretação psicanalítica é o de campos de sentido afetivo-emocional, Hermann em seu livro, O método da psicanálise (1979) trabalha de forma aprofundada o conceito de campo, com a ideia de que “O campo é o conjunto de determinações não aparentes que dotam de sentido qualquer

relação humana” (1979, p. 28). Dessa forma, o autor postula que todo e qualquer campo possui o inconsciente relativo das relações que sustenta. Ao concordar com essa formulação de campo/inconsciente relativo de Hermman e fazendo uma interlocução com a obra de Bleger (1963) – Psicologia da conduta, o termo campo foi ampliado para o conceito de campo de sentido afetivo-emocional (Aiello-Vaisberg, 2003a, 2003b, 2005; Aiello-Vaisberg e Machado, 2008). Essa mudança aparece para complementar o sentido e a sustentação aos estudos de imaginários coletivos, abordando as produções imaginativas enquanto condutas. Para tanto compreendemos como campos de sentido afetivo-emocional um conjunto de fatores, crenças, lógicas e valores, que podem ser conscientes ou inconscientes e estão em todas as manifestações humanas. O campo de sentido afetivo-emocional é produção interpretativa de natureza vincular que acontece no encontro inter-humano e representa lugares existenciais. Assim são criados/encontrados de acordo com um conjunto de elementos coexistentes e interagentes em um dado momento (Bleger, 1963). A próxima transcrição parece-nos elucidativa:

Sendo o substrato afetivo-emocional das condutas, os campos devem ser compreendidos como “regiões” habitadas em determinados momentos. Essa caracterização espacial permite-nos, ao mesmo tempo, realizar uma aproximação à dramática humana e considerar a existência de uma infinidade de mundos possíveis sendo povoados, alguns com mais permanência que outros. (Ambrosio, 2013, p. 56).

Bleger (1963) articula a dinâmica do campo em permanente reestruturação, permitindo o estudo de campos sequentes ou contínuos. Isso porque ao abordar as

estruturas dos campos Bleger distingue as subestruturas, como o campo ambiental ou geográfico, o campo psicológico, e dentro do campo psicológico há o campo da consciência. Essa estruturação permite divulgar que o inconsciente é relacional, ou seja, a dimensão não consciente da experiência humana é intersubjetiva e circula por campos de sentido:

Desta forma, o inconsciente deixa de ser concebido como algo que está dentro do indivíduo e passa a ser compreendido como mundos transicionais, percorridos ou habitados por pessoas e grupos. Denominamos estes mundos transicionais campos de sentido afetivo-emocional, acreditando que tal denominação confere maior precisão conceitual. (Corbett, 2014, p. 49)

Para finalizar, podemos dizer que no campo de sentido afetivo-emocional não há graduações. São reinos emocionais que nos permitem compreender as nuances e sentidos inconscientes relativos ao contexto.

Procedimentos investigativos

Temos operacionalizado o método psicanalítico (Aiello-Fernandes, Ambrosio e Aiello- Vaisberg, 2013), com vistas a facilitar a comunicação de nossas pesquisas a pesquisadores que não utilizam o método psicanalítico. Nesta linha, distinguimos três procedimentos investigativos, que descreveremos a seguir: 1) procedimento investigativo de configuração de entrevistas; 2) procedimento investigativo de registro de entrevistas e 3) procedimento investigativo de interpretação de entrevistas.

Esses três procedimentos exigem que o pesquisador observe atentamente os passos constitutivos do método psicanalítico, vale dizer, atenção flutuante e associação livre de ideias (Laplanche e Pontalis, 1967). Vale, ainda, ressaltar que, como notamos anteriormente, o cumprimento do método psicanalítico repousa sobre a adoção de uma atitude fenomenológica de desapego temporário a teorias e crenças, tendo em vista permitir uma abertura ao que possa emergir durante o tempo em que cada um dos três procedimentos investigativos estiver em marcha (Corbett et al, 2014).

1) O procedimento de configuração da entrevista corresponde ao conjunto de providências mediante as quais o pesquisador se coloca em contato com participantes que produzirão o material que será estudado na pesquisa. As entrevistas podem ser individuais ou coletivas. Nelas pode haver uso de recursos mediadores que facilitem a comunicação emocional, tornando o encontro mais brincante. O Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema é uma alternativa de mediação, que se inscreve ao lado de outras possibilidades, como dramatizações (Zia, 2012; Camps, Barcelos e Aiello-Vaisberg, 2014) ou invenção de histórias diante de fotografias (Simões, 2012).

2) O procedimento de registro da entrevista visa dotar o acontecer clínico, em si mesmo um evento evanescente, de uma certa permanência, por meio da qual se possa viabilizar a pesquisa. Uma forma que temos usado frequentemente, com excelentes resultados, é denominada narrativa transferencial. Esta consiste na elaboração de um texto que abrange tanto o relato das interações entre pesquisadora e participantes, como anotação de impressões contratransferenciais. Tal tipo de registro narrativo tem sido adotado em nossas pesquisas pela sua

potencialidade heurística (Granato e Aiello-Vaisberg, 2004; Aiello-Vaisberg e Machado, 2005; Aiello-Vaisberg, Machado, Ayouch, Caron e Beaune, 2009). Além disso, quando a entrevista se articula ao redor do uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, os próprios desenhos e histórias constituem-se em elementos de registro do encontro.

3) O procedimento interpretativo consiste em processo de produção compreensiva de campos de sentido afetivo-emocional. Corresponde ao que se pode denominar criação/encontro de campos de sentido afetivo-emocional, ou inconscientes relativos. Trata-se de tarefa que pode ser cumprida na medida em que possamos, colocando-nos em atitude fenomenológica, colocar em marcha os dois passos do método psicanalítico: atenção flutuante e livre curso à associação de ideias.

Vale aqui notar que o procedimento investigativo de interpretação foi realizado em duas etapas.

Primeiramente o conjunto do material clínico foi considerado pela pesquisadora individualmente, que produziu anotações escritas das associações que surgiam quando revisitou seus registros em estado de atenção flutuante.

Em um segundo momento, os mesmos registros foram retomados pelos integrantes do grupo de pesquisa, que são pesquisadores capacitados a considerá-los à luz do método psicanalítico. O compartilhamento do material com o grupo ocorre com o intuito de permitir que diferentes olhares possam, percorrendo o mesmo material,

ampliar as possibilidades de captação dos substratos afetivo-emocionais, ou campos do inconsciente. Não há, portanto, intenção de chegar a consensos nem de uniformizar percepções.

Nessas duas etapas interpretativas, os passos do método traduziram-se segundo as palavras de ordem de Hermann (1979): “deixar que surja”, “tomar em consideração”, e “completar a configuração do sentido”. Por esta via, chegaremos à produção de campos de sentido afetivo-emocional, que são substratos, intersubjetivamente produzidos, a partir dos quais emergem as produções imaginativas dos participantes da presente pesquisa.

CAPÍTULO 4
REGISTROS DE PESQUISA

*“O psicanalista é o pintor que pinta os reflexos que ele vê na fonte das palavras.
Ele é o músico que toca, com sua flauta, a melodia que se faz ouvir nos espaços
vazios do corpo daquele que sofre.”*

Rubem Alves

Este capítulo está dividido em três partes e traz no primeiro momento o contexto institucional da pesquisa à caracterização dos participantes, para em seguida dispor da narrativa que a pesquisadora produziu depois do encontro, com os impactos afetivo-emocionais da pesquisa. Por fim estão as produções dos participantes, que são os desenhos e as histórias que produziram a partir do uso do Procedimento de Desenhos – Estórias com Tema como recurso dialógico. O conjunto da narrativa e dos desenhos e histórias constitui o *corpus* por meio do qual registramos a experiência da entrevista coletiva.

A instituição e os participantes

A presente pesquisa tem como campo uma organização não governamental, situada em contexto urbano, no interior do estado de São Paulo. Trata-se de uma iniciativa que visa contribuir com a formação psicossocial e profissional de jovens, cuja idade varia entre quinze e dezoito anos, provenientes de famílias de baixa renda. A instituição visa integrar os jovens à sociedade por meio de projetos educacionais e culturais baseados no trinômio educação bem dirigida, trabalho orientado e recreação sadia.

As atividades institucionais se estruturam sob a forma de um programa socioeducativo, forjado para atender ao objetivo de encaminhar e acompanhar os jovens no mundo do trabalho por meio de aprendizagem profissional. Assim, os adolescentes passam cerca de um ano em aulas na instituição com professores, psicólogos e outros profissionais. Entre as disciplinas lecionadas, podem ser encontradas algumas que

focalizam projetos de qualidade de vida, do mundo do trabalho, de saúde, meio ambiente e noções administrativas.

Essa iniciativa se viabiliza a partir de parcerias empresariais e institucionais que promovem a inclusão social de jovens, auxiliando-os a ingressar no mercado de trabalho formal. A recreação dentro da instituição conta com a promoção de atividades físicas no período dos intervalos dos alunos, tais como aulas de capoeira, no horário de almoço, e campeonatos de esportes grupais, nos finais de semana. Desse modo, pode-se perceber que a prática esportiva não é enfatizada. No entanto, para contextualizar a pesquisa, também é importante perceber como a rotina desses jovens é sobrecarregada, pois eles já trabalham, frequentam as aulas na instituição e cursam o ensino médio, sobrando pouco tempo para outras atividades.

Participaram desta pesquisa dezenove adolescentes, sendo todos alunos da mesma sala de aula da organização que acabamos de apresentar. Os jovens foram convidados a participar voluntariamente da pesquisa a partir de uma conversa informal realizada pela pesquisadora com o apoio da professora da disciplina de Orientação Profissional. Essa professora dispensou os alunos da atividade anteriormente programada para deixá-los livres para participar da pesquisa, caso aceitassem o convite.

A pesquisadora realizou, inicialmente, uma conversa coletiva, à guisa de apresentação de sua proposta. Seguiu-se um intervalo, que faz parte da rotina, para depois se desenrolar a proposição do Procedimento de Desenho-Estória com Tema. Apenas um jovem não participou da pesquisa, no entanto assinou o termo de consentimento e somente não entregou a produção do Desenho-Estória.

A instrução consistiu na solicitação de que desenhassem “*um adolescente que pratica esporte*” em uma folha de papel sulfite, apresentada pela pesquisadora. A seguir, foi-lhes demandado virar a folha e escrever uma história sobre a figura desenhada com um título. Desse modo, tivemos acesso a dezoito produções.

Apresentamos, a seguir, a narrativa transferencial elaborada pela pesquisadora, bem como os desenhos e as histórias produzidas pelos adolescentes, chamando a atenção para o fato de que se trata de texto no qual é utilizada a primeira pessoa do singular.

Narrativa transferencial

Assim que cheguei à sala de aula da disciplina de Orientação profissional a professora me apresentou aos alunos e, como combinado, havia tempo para uma conversa antes do intervalo. Os adolescentes estavam ansiosos, pois a professora havia informado que iria uma colega de profissão para realizar uma pesquisa no dia e todos tinham perguntado mais detalhes.

Quando tomei a palavra me apresentei novamente e falei da minha formação, perguntei aos alunos se sabiam o que era mestrado, poucos disseram que sim, então expliquei um pouco e falei do meu objetivo ao fazer mestrado. Conte também sobre meu tema e como se deu a escolha da minha profissão.

Como sempre gostei de esportes, falei que tinha resolvido pesquisar e me aprofundar no tema, também expliquei o que era a psicologia do esporte e as variedades da área. Uma aluna que queria fazer psicologia me perguntou se tinha essa matéria na faculdade, expliquei que não tinha e que procurei por fora cursos de especialização e formação na área, devido ao meu interesse em unir a psicologia com o esporte.

A sala contava com dezenove alunos presentes, espaçados em grupos pequenos que comentavam entre si o que eu falava, então propus que cada um falasse uma palavra que viesse à cabeça ao pensar em esporte. Surgiram os mais variados termos, como força, movimento, garra, skate e saúde. Apenas duas meninas não participaram, justificando que não gostavam de nenhum esporte; falei que não tinha problema, mas que existiam muitas atividades físicas possíveis ao falar de esporte.

Nesse momento um aluno me perguntou se skate era considerado esporte e eu disse que sim, pois já é uma prática antiga que conta com campeonatos e profissionais que vivem disso, mas completei dizendo que o skate também é uma forma de expressão. Na sequência, outro aluno perguntou se qualquer atividade física era considerada esporte; respondi que dependia da atividade, para ser considerada modalidade esportiva é preciso ter estrutura e regras de competição. Falei da corrida como exemplo, que é uma modalidade simples e individual, mas reconhecida no mundo todo. Então o mesmo aluno que fez a pergunta ria com seus colegas e perguntei o que conversavam, ele tinha perguntado aos colegas se sexo era atividade esportiva, mas não teve coragem de falar, todos riram quando o amigo o delatou. Devolvi a pergunta

indagando o que ele achava; rindo muito, ele disse que achava que sim, então expliquei que nem toda atividade física pode ser considerada esporte, e essa era uma delas.

Propus então que cada aluno falasse uma modalidade de que mais gostava. Futebol e basquete foram as que mais apareceram, porém quando surgiu dança a aluna que falou perguntou se era considerada modalidade esportiva; pensei um pouco e disse que era reconhecida sim, mas não sabia se pelo conselho de educação física, no entanto falei que a dança era atividade física tão antiga quanto qualquer outro esporte e que pode ser uma modalidade esportiva por ter todos os quesitos de competição e treino, além de muitos profissionais que vivem da dança. Assim falei da capoeira como um exemplo, que é considerada modalidade esportiva e é uma expressão cultural do nosso país também.

Em um dado momento, tive a impressão de que todos já tinham se manifestado e que esta parte do nosso encontro aí se encerrava naturalmente. Entretanto, ainda faltava certo tempo para o intervalo. Indaguei, então, o que pensavam sobre a Copa do Mundo que o Brasil sediou. A partir dessa minha pergunta surgiram os mais diversos comentários. Alguns disseram que tinham acompanhado os jogos, outros falaram do Neymar. Teve até quem só gostou por não ter que trabalhar no dia que tinha jogo do Brasil.

Com esse tema foi possível conversar sobre casos específicos, que alguns meninos trouxeram, sobre os jogos da Copa, bem como ouvir os adolescentes sobre o futebol que praticam por lazer.

Durante este período inicial, de interação com os adolescentes, senti-me desafiada no sentido de como manter a conversa, pois era difícil atingir o grupo todo. Alguns não falavam nada, não pareciam se interessar, enquanto outros falavam muito e ao mesmo tempo. Quando eu não escutava, pedia para repetirem ou pedia silêncio para ouvir o colega, mas muitos perdiam o foco nesse momento.

Quando soou o sinal do intervalo, fiquei conversando com um adolescente que gostava muito de dançar e ele me contou sobre suas aulas.

Depois do intervalo, quando todos os alunos já estavam sentados, comecei a explicar sobre a atividade proposta, que se organizava ao redor do uso do Procedimento de Desenho-Estória com Tema. Disse-lhes que era para desenharem um adolescente que pratica esportes, escrever uma história sobre a figura desenhada e escolher um título.

Enquanto entregava os Termos de Consentimento Livre e Esclarecimento, expliquei que a participação não era obrigatória, que estavam sendo convidados a participar de uma pesquisa. Pedi que lessem os termos antes de assinar. A seguir, solicitei que aqueles que fossem menores de idade levantassem a mão para eu lhes fornecer outro termo, destinado a seus pais.

Percebendo que muitos não estavam lendo o documento que estava distribuindo, expliquei o que continha e pontuei sobre a importância de assinar só depois de ler.

Nesse momento, um aluno perguntou se poderia desistir de participar em momento posterior e eu respondi afirmativamente. Outro aluno disse que gostaria que o nome dele aparecesse na pesquisa. Ao mesmo tempo, outros reclamavam sobre o fato de não saberem desenhar. Expliquei que o desenho não seria analisado em termos de qualidade, de modo que não precisavam se preocupar com isto. Por outro lado, enfatizei que estava interessada no que imaginavam, de modo que seria bom que participassem da atividade a partir do que surgisse em suas mentes.

Quando comecei a distribuir as folhas, alguns manifestaram dúvidas sobre se participariam da pesquisa. Deixei claro, mais uma vez, que poderiam se colocar como inteiramente livres para recusar-se a tomar parte na atividade proposta. Contudo, em poucos minutos, dei-me conta de que a maioria estava participando de forma envolvida, produzindo desenhos bastante expressivos. Um ou outro participante pedia ajuda aos colegas que, a seu ver, desenhavam melhor, evidenciando que esta parte da tarefa gerava, nesses, uma maior inquietação. Entretanto, aparentemente encararam a escrita da história como uma tarefa individual mais tranquila, de modo que cada um escreveu a sua.

No final, apenas um aluno deixou de participar, apesar de ter assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Quando todos terminaram a tarefa, recolhi o material e entreguei para cada um deles uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, lembrando que aí estava registrado como poderiam entrar em contato comigo, caso julgassem conveniente. A seguir, agradei a todos e elogiei o empenho dedicado à elaboração dos desenhos e das histórias.

O adolescente que foi o último a entregar o material que produziu afirmou que só havia participado porque eu era amiga da professora. Agradei a ele pela participação e me despedi do grupo como um todo.

Depois disso, alguns alunos ainda permaneceram na sala, conversando comigo e com a professora sobre como gostavam de jogar basquete. Contei-lhes que eu também gostava dessa modalidade esportiva. O clima estava bem descontraído, pois uns brincaram com os outros sobre erros de jogadas e “bolas fora” dos colegas. Eu lhes disse que tudo valia como treino e que a prática se aperfeiçoa com o tempo. Assim, os acertos viriam apenas se nos dispuséssemos a errar bastante...

Vivi essa entrevista como uma experiência muito interessante. Observar os diferentes movimentos dos integrantes da turma me alertou para as diferenças individuais, indicando a importância de acolher diferentes modos de lidar com a proposta que lhes apresentei. Portanto, posso dizer que terminei este encontro com os adolescentes com uma sensação agradável de realização. Tinha me apresentado fazendo-lhes uma pergunta sobre como imaginavam adolescentes que praticam esportes, segundo um estilo transicional, que estimulava a comunicação emocional, e saía com uma impressão gratificante de que um diálogo importante entre os participantes tinha acontecido de um modo satisfatório. Assim, tanto saí contente no que diz respeito a ter obtido um material que atendia aos meus propósitos como pesquisadora, bem como realizada por ter conseguido estabelecer um contato significativo com os adolescentes sobre uma área da experiência humana que me interessa muito: o esporte.

Os desenhos e as histórias produzidas pelos participantes

Apresento, a seguir, as dezoito histórias que acompanharam os dezoito desenhos produzidos pelos participantes desta pesquisa:

CAPÍTULO 5
CAMPOS DE SENTIDO AFETIVO-EMOCIONAL: INTERPRETAÇÕES E
REFLEXÕES

“A função da inteligência é organizar o poder de tal forma que ele se transforme em ponte entre o desejo e o seu objeto. O encontro entre os dois, o desejo e o seu objeto, é a alegria.”

Rubem Alves

No presente capítulo, cumpriremos três tarefas: 1) apresentar os campos de sentido afetivo-emocional, ou inconscientes relativos, que correspondem às nossas interpretações; 2) apresentar exemplos de manifestações dos participantes que emergiram a partir de tais campos e 3) apresentar reflexões teórico-clínicas que as interpretações suscitam. A primeira e a segunda tarefas serão realizadas conjuntamente, sob o subtítulo “Campos de Sentido Afetivo-Emocional Criados/ Encontrados”. A terceira tarefa será desenvolvida sob o subtítulo “Reflexões Teórico-Clínicas”.

Na pesquisa qualitativa, que faz uso do método psicanalítico, os campos de sentido afetivo-emocional equivalem ao que normalmente se conhece como resultados. Cabe, assim, apresentá-los em termos de definir seu modo de organização, pois sempre se constituem ao redor de crenças, valores, percepções ou fantasias inconscientes. No presente caso, foram produzidos interpretativamente quatro campos de sentido afetivo-emocional ou inconscientes relativos.

A exposição de manifestações que emergem a partir de cada um dos campos consiste numa tentativa de conferir uma possível legitimidade às interpretações. Contudo, um certo cuidado deve ser aqui tomado, uma vez que as manifestações são condutas concretas – no presente caso são desenhos e histórias – enquanto o campo, sendo uma interpretação, não apresenta a mesma condição de concretude. Aqui vale lembrar que várias diferentes condutas podem emergir a partir de um mesmo campo e que, por outro lado, uma mesma conduta, dada a complexidade do acontecer humano, pode pertencer a mais de um campo.

Posteriormente, discutiremos acerca de algumas reflexões que as interpretações que produzimos podem suscitar, tendo em vista alcançar certa compreensão sobre o imaginário coletivo de adolescentes de baixa renda relativo ao esporte. Este trabalho reflexivo levará em conta o fato de a presente pesquisa estar intimamente vinculada à intenção de utilizar o esporte como mediação no atendimento psicológico a adolescentes.

Campos de sentido afetivo-emocional criados/encontrados

Em estado de atenção flutuante e de livre associação de ideias, ou seja, buscando cultivar atitude de desapego a crenças e teorias, bem como de abertura e conhecimento à expressão subjetiva dos participantes, produzimos interpretativamente campos de sentido afetivo-emocional, apoiando-nos nos desenhos, nas histórias e na narrativa transferencial.

Este esforço nos permite apresentar, neste capítulo, quatro campos, ou inconscientes relativos, que neste momento consideramos fundamentais para a compreensão do imaginário coletivo dos adolescentes pesquisados.

É importante lembrar que na medida em que os campos são intersubjetivamente produzidos, em encontros que se dão neste ou naquele momento, inúmeras interpretações podem ser criadas/encontradas ao longo do tempo e mesmo simultaneamente. No entanto, na pesquisa, como na clínica, sempre acabamos por selecionar aqueles campos que parecerem mais relevantes e pertinentes. Na clínica, a pertinência segue, evidentemente, caminhos relativos à obtenção de benefícios. Este

tema foi exposto de modo muito feliz por Rodolfo Bohoslawsky (1977), autor que preconizava, numa clínica de orientação profissional, que a compreensão profunda deveria se traduzir por uma intervenção pertinente, dada a demanda do paciente por auxílio psicológico para uma tomada de decisão. A nosso ver, na pesquisa não se procede diferentemente, de modo que faz sentido assumir que selecionamos campos que nos parecem importantes no contexto do que aqui nos move primariamente, vale dizer, uma aproximação do imaginário de jovens com vistas a favorecer atendimentos clínicos pela via de uma mediação esportiva de caráter brincante.

Seguem, assim, os campos de sentido afetivo-emocional aqui interpretados:

“Esporte é sucesso”: É o campo de sentido afetivo-emocional organizado ao redor da crença de que o esporte é caminho para o sucesso profissional.

Exemplo:



“Muitos jovens principalmente meninos nascem com um sonho de ser um jogador de futebol e esse sonho é tão grande que esses jovens vão crescendo enfrentando vários desafios para alcançar o tão esperado sonho, escolhi o futebol, pois é o mais conhecido de todos os esportes...

...O jovem representado no desenho é um adolescente que está determinado a realizar seus sonhos com muita força e disposto a vencer seus desafios quer se tornar um grande jogador de futebol, assim como muitos outros jovens com seus sonhos para serem realizados através do esporte”.

“Esporte é coragem”: É o campo de sentido afetivo-emocional organizado ao redor da crença de que a prática esportiva fortalece o indivíduo para o enfrentamento de dificuldades de vida.

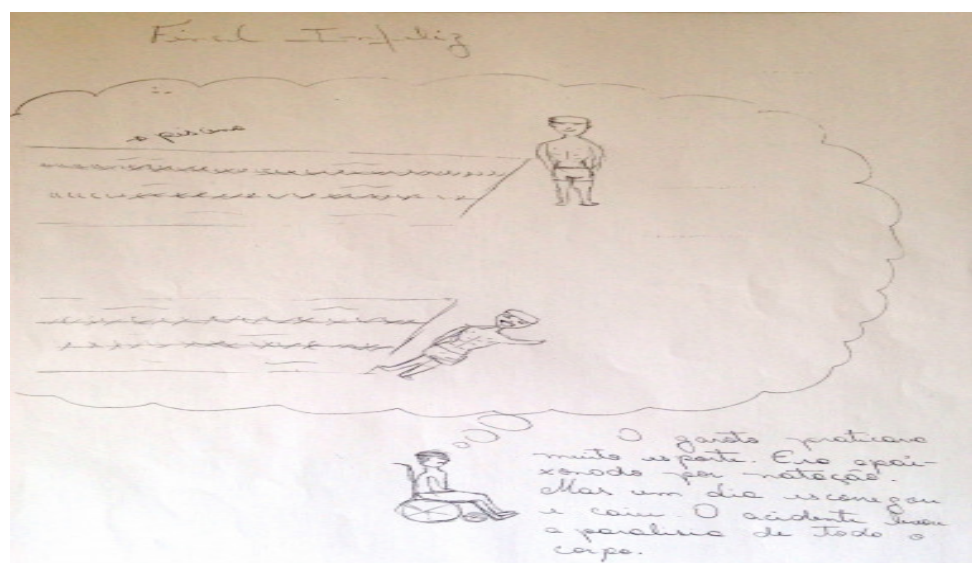
Exemplo:



“Laura...quando tinha 13 anos já sonhava em ser jogador de tênis, mais as condições financeiras não eram muito boas..tempos depois laura viu um concurso na tv e nesse concurso escolheria a adolescente (jovem) que mais jogava tênis...ela começou a jogar e competir nesse concurso e que com sua capacidade conseguiu ganhar o concurso e foi escolhida a melhor adolescente tenista de 2014.”

“Esporte é perigo”: É o campo de sentido afetivo-emocional organizado ao redor da crença de que o esporte apresenta riscos para a integridade física individual.

Exemplo:



“O garoto praticava muito esporte. Era apaixonado pela natação. Mas um dia escorregou e caiu. O acidente levou a paralisia de todo o corpo”.

“Esporte é saúde”: É o campo de sentido afetivo-emocional organizado ao redor da crença de que o esporte gera saúde e bem-estar físico-emocional.

Exemplo:



“Vitor é um ciclista. Ele se sente muito bem praticando esse esporte que sempre gostou. Se sente feliz, saudável e realizado”.

O número de desenhos-estórias emergentes de cada campo pode ser considerado uma indicação acerca do que talvez seja mais expressivo para o grupo dos adolescentes pesquisados. Dessa forma, demonstramos a seguir, em tabela, o número de produções pertencentes a cada campo, lembrando que um mesmo desenho-estória pode circular em mais de um campo.

Tabela 5: Produções de cada campo de sentido afetivo-emocional

Desenhos-Estórias	Esporte é sucesso	Esporte é coragem	Esporte é perigo	Esporte é saúde
1	X	X	X	
2		X		
3		X	X	
4	X			X
5		X		
6		X		
7		X		
8		X	X	

9	X	X		
10	X	X		
11	X			
12	X			
13				X
14	X			
15	X			
16	X			
17				X
18			X	

Reflexões teórico-clínicas

Neste ponto do trabalho, a tarefa é a de refletir sobre as interpretações psicanaliticamente produzidas sob a forma de campos de sentido afetivo-emocional. Os quatro campos, acima definidos, correspondem, visivelmente, a diferentes formas de pensar a atividade esportiva.

Assim, as reflexões tecidas são referentes ao que foi solicitado aos participantes, que foram convidados a imaginar um coetâneo que pratica esporte. A primeira questão que observamos foi que os adolescentes não saíram de perspectivas instrumentais, nas quais o esporte comparece, predominantemente, como meio para alcançar um bem: sucesso, coragem e saúde. O esporte não surge, portanto, somente como um bem em si, mas como caminho que pode proporcionar benefícios. Por outro lado, ainda que menos expressivamente, não deixou de aparecer como risco à integridade e à vida, levando-nos a lembrar que algumas pessoas associam este tipo de atividade a acidentes graves e lesivos.

No campo de sentido afetivo-emocional “Esporte é sucesso”, encontramos a questão da ascensão profissional e social pela prática esportiva. Aqui o esporte é valorizado enquanto instrumento de mudança para vidas difíceis. Não nos surpreende constatar que este campo esteja majoritariamente associado ao futebol, que a própria mídia identifica como uma paixão nacional, nem que seja pensado como saída da pobreza, sendo esta um dos maiores, senão o maior problema do país.

Não nos esquecemos, neste momento, de que, na perspectiva winnicottiana, a experiência cultural, quando vivenciada de modo não dissociado, surge como extensão direta do brincar espontâneo. No presente caso, esta expressão cultural, que é o futebol, pode ser usada como material para fantasias e sonhos, nos quais crianças e adolescentes aparecem como craques do futebol e verdadeiros “heróis da bola”. É evidente lembrar que tais fantasias tanto podem estar a serviço de algo muito saudável, no sentido da afirmação de si mesmo como ser potente, criativo e capaz de altas realizações, como assumirem função compensatória, de modo francamente defensivo.

Quando consideramos os desenhos-estórias nos quais o esporte surge associado a figuras de sucesso internacionais, como Neymar, Cristiano Ronaldo e Pirlo, encontramos-nos diante de aspirações a conquistas, na vida adulta, nas quais se articulariam altos ganhos financeiros com reconhecimento pelo valor pessoal. Contudo, não podemos, se subscrevemos a psicologia psicanalítica concreta como referencial, ignorar a personalidade do grupo diante do qual nos encontramos. Tal grupo, composto de adolescentes de baixa renda, conta com poucas chances de investimento para alcançar patamares sociais privilegiados, encontram dificuldades mesmo que em relação a modestas pretensões de classe média. Assim – e vamos lembrar que não estamos

diante de sonhos, vale dizer, de condutas que emergem enquanto a pessoa dorme, e sim de desenhos-estórias, que são produzidos em estado de vigília completa, aquilo que pode ser meta para alguns, torna-se devaneio de contornos oníricos para outros. Dessa forma, a celebridade internacional, cuja trajetória se inicia em realidades precárias, semelhantes a aquelas em que vivem, substitui o profissional bem sucedido que os adolescentes de classe média almejam tornar-se (Camps, Barcelos & Aiello-Vaisberg, 2014).

O imaginário, segundo o qual “Esporte é sucesso”, é continuamente alimentado pela mídia esportiva, que lança potentes holofotes sobre os “atletas-heróis”. Muitas notícias focalizam a vida pessoal e profissional de futebolistas, que se tornam célebres pelo brilho das jogadas, destacando atributos dos quais derivaria o alcance do que podemos chamar de glória individual, mesmo em esportes de equipe. Nesta linha, podemos afirmar que certa crônica esportiva corresponde a conjuntos de condutas que têm o campo “Esporte é sucesso” como fundamento, fenômeno que pode vir a ser objeto de pesquisas futuras.

A produção cinematográfica brasileira, intitulada “Linha de passe”, abordada como material de pesquisa por Montezi et al., (2013), inclui o campo “Esporte é sucesso” para forjar um dos personagens adolescentes, cuja tenacidade é comovente. Este jovem lança-se em sucessivas buscas por ser notado e, deste modo, ganhar oportunidade para treinar em um clube, chegando inclusive a falsificar documentos de identidade, uma vez que a maioria lhe fecharia oportunidade de vir a ser convocado para uma equipe composta por adolescentes. Por outro lado, o filme não deixa de mostrar que a entrada em um clube profissionalizante corresponde, na prática, a uma

iniciativa financeiramente custosa, que depende de investimentos de certo vulto, inacessíveis para famílias de baixa renda.

Como muitos jovens sonham em se tornar os craques da bola, as frustrações que a maioria enfrenta podem levar a certo desencanto com o esporte e à desistência da prática. Assim a busca por outros caminhos, que tragam realizações pessoais mais integradas à realidade, pode se associar ao abandono da prática esportiva brincante, aquela que traz consigo um potencial importante de alegria e prazer, ao mesmo tempo em que mantém o futebol aceso como manifestação cultural de um povo. Infelizmente, o futebol espetáculo pode, nesta situação, enfraquecer o futebol que pode ser arte e alegria dos brasileiros, sejam crianças, adolescentes ou adultos, que deixam de se reunir para jogar, atendo-se a frequentar as arquibancadas dos estádios ou a permanecer diante de aparelhos de televisão.

Quando focalizamos o campo “Esporte é coragem”, defrontamo-nos com um valor, bastante cultivado no meio esportivo, que é aquele da superação de limites e dificuldades.

No que diz respeito aos participantes de nossa pesquisa, podemos afirmar que a ideia de superação parece estar relacionada com angústias próprias da adolescência, período em que se deparam com constatações de que a vida apresenta muitos desafios, sobretudo para aqueles que não vivem nas condições sociais mais confortáveis. Entretanto, vale lembrar que tal afirmação só pode ser feita, dadas as limitações da metodologia utilizada, levando em conta o coletivo estudado, já que os participantes, enquanto indivíduos, não receberam atenção psicodiagnóstica.

O processo de mudanças, escolhas e preparação para a profissionalização pode acontecer de forma sofrida para qualquer jovem em algum momento, não poupando as classes médias da população (Camps, Barcelos & Aiello-Vaisberg, 2014). No entanto, encontramos dificuldades inegavelmente maiores quando, em virtude das condições socioeconômicas, os cuidadores não podem arcar com a provisão de apoios necessários. Evidentemente, não pensamos que os apoios, que aqui fazem falta, corresponderiam à determinação, pelo adulto, sobre os caminhos profissionais que o jovem deve seguir, como prevalecia nas famílias brasileiras, há algumas décadas. (Barreto e Aiello-Vaisberg, 2007). Neste contexto, o apoio expressa-se, primordialmente, como sustentação financeira real, a permitir que os ensinos fundamental e médio tenham sido completados em boas escolas que, em nosso país, não são públicas, e postergação do momento de entrada no mercado de trabalho. Inclui, também o oferecimento de espaços de conversa relativa a processos de escolha profissional, que se dão naturalmente, no contexto familiar, nos estratos de classe média, abrangendo também ajuda profissional, de caráter psicoprofilático (Camps, 2009; Camps, Barcelos & Aiello-Vaisberg, 2014). A questão norteadora do cuidado ao adolescente é a da oferta de um ambiente suficientemente bom que possa favorecer o amadurecimento pessoal por meio do qual escolhas espontâneas e integradas, que naturalmente levem em conta a realidade em que vivem, possam ser feitas.

No entanto, ao que tudo indica, os adolescentes de baixa renda não contam com sustentação necessária, passando a lidar com suas angústias, de modo desprotegido. A nosso ver, esta situação alimenta um imaginário no qual o jovem comparece como guerreiro que luta para conseguir vencer na vida. Tal imagem contém a associação

entre a superação no esporte com a possibilidade de ter a vida diferente, com benefícios e glórias, que o campo “Esporte é sucesso” também expressa. Contudo, o diferencial, no campo “Esporte é coragem”, é o reconhecimento, pelo jovem, da importância de não desistir, mesmo que se veja sozinho e sem suporte.

O reconhecimento, que os jovens almejam e imaginam conquistar pela prática esportiva, aparece nos desenhos-estórias emergentes do campo “Esporte é coragem”, como decorrência primária de ser capaz, de treinar e não desistir. Aqui, sob vigência deste campo, o sucesso é concebido, no esporte e na vida, como resultado de dedicação, coragem e disciplina no enfrentamento das dificuldades. É evidente que uma postura deste tipo pode ser considerada mais amadurecida, na medida em que ultrapassa posicionamentos passivos mais infantis e menos protagonistas. Contudo, também pode trazer consigo o engano de supor que tudo depende da boa conduta do indivíduo, crença que escamoteia a complexidade da realidade social e desvaloriza o fato de que muitas soluções só podem ser alcançadas com a contribuição do ambiente.

Cabe aqui comentar que as condutas emergentes do campo de sentido afetivo-emocional “Esporte é coragem”, apresentam certa convergência com o que subjaz, como postulação fundamental, às políticas públicas relativas ao esporte para populações de baixa renda. Neste contexto, a atividade esportiva é considerada uma das principais estratégias de intervenção, como aponta Nogueira (2011). A noção de que o esporte transforma vidas e é um meio para sair da pobreza é abordada por Weller (2005), que chama a atenção para o fato de que uma ênfase acentuada no teor disciplinante do esporte corresponderia a uma forma de controle social, mediante a qual se visaria tanto prevenir a tendência antissocial como reabilitar adolescentes infratores.

Segundo Nascimento, Pinho, Andrade e Montiel (2010), a prática de atividades físicas na adolescência favorece comportamentos mais perseverantes na busca de objetivos. Tal aspecto tende a ser bastante valorizado nos limitados horizontes, impostos pela condição socioeconômica desses jovens, de modo que não surpreende constatar que a prática esportiva se associe, no imaginário, à crença na possibilidade de mudança de vida.

O campo de sentido afetivo-emocional denominado “Esporte é perigo”, definindo-se pela perspectiva de que a prática esportiva pode resultar em acidentes, que podem afetar a integridade corporal, associa-se fortemente ao medo. As produções que emergem a partir deste campo relacionam-se a questões fundamentais, do existir humano, na medida em que se faz a partir da corporeidade, que tanto traz consigo a possibilidade de ação sobre o mundo como riscos de danos físicos, maiores ou menores, transitórios ou duradouros.

Antes de mais nada, consideramos importante lembrar que a noção do esporte como atividade arriscada já se encontra de algum modo figurada no campo “Esporte é coragem”. Afinal, coragem e medo são duas faces de uma mesma moeda. Se não houvesse risco, a coragem não teria valor. Nesta linha, enquanto algumas realizações esportivas apresentam-se como verdadeiras celebrações da capacidade física do ser humano, acordes com o campo “Esporte é coragem”, os trágicos acidentes recordariam, sob a vigência do campo “Esporte é perigo”, que alguns limites jamais podem ser superados sem que seja pago um alto preço.

Por outro lado, a menção ao risco, lembrada em um pequeno número de desenhos-estórias, produzidas pelos participantes desta pesquisa, que são adolescentes, não deixa de ser interessante, diante de um complexo fenômeno, de acordo com o qual os jovens seriam mais frequentemente vítimas de acidentes em virtude de vivenciarem importantes fantasias onipotentes. Este quadro merece ser examinado mais detidamente.

Parece haver um consenso, no sentido de que indivíduos de faixas etárias mais jovens seriam, de fato, aqueles que mais frequentemente se tornam vítimas de acidentes (Waiselfisz, 2011). Na verdade, um grande número de pesquisas indicam que a mortalidade do adolescente se deve muito mais a causas externas do que a doenças (Barcelos, 2014). Nesta linha, afirmam Matos e Martins (2013) que no Brasil os acidentes de transporte e as agressões, principalmente o homicídio, mantêm-se entre as primeiras causas de morte adolescente por causas externas, sendo que aqueles de sexo masculino, raça negra e baixo nível socioeconômico são os mais atingidos.

Delineia-se, assim, um quadro muito claro, provavelmente multideterminado. Contudo, uma das explicações mais invocadas, entre psicanalistas, é a de que os mais jovens tenderiam a ser menos cautelosos em virtude de vivenciarem fortes sentimentos de onipotência, associados de fantasias inconscientes (Guimarães, 2005; Aberastury e Knobel, 1981). A onipotência, neste caso, significaria, antes de mais nada, negação do risco.

Ora, o que encontramos, na presente pesquisa, é o oposto disso, na medida em que os jovens, aqui abordados como subjetividade coletiva, lembram-se de que acidentes são possíveis. Assim, na medida em que nos movemos num contexto

marcado por frequência maior de acidentes, a admissão de que práticas esportivas podem provocar danos pode ser considerada uma manifestação saudável e, de um certo modo, realista.

A metodologia, que aqui utilizamos, não nos diz sobre a possibilidade de os indivíduos, que produziram os desenhos-estórias emergentes do campo “Esporte é perigo” serem, ou não, pessoas que sentem muito medo de praticar atividades esportivas. Por outro lado, permite que saibamos que uma associação entre esporte e risco existe no imaginário coletivo. Deste modo, é recomendável, se pretendemos usar o esporte como mediação, atentar para a possibilidade de este ou aquele adolescente apresentar um maior desconforto diante da participação em atividades esportivas, seja ajudando o jovem a lidar com seus temores, seja, principalmente no caso de atendimento psicológico, encaminhando-o para tratamentos em que outras atividades, artísticas ou artesanais, sejam usadas como recursos mediadores.

Sob a vigência do campo “Esporte é saúde” o imaginário se articula como crença de que uma vida saudável e feliz esteja diretamente relacionada à prática esportiva. A relação entre esporte e saúde aparece em alguns desenhos-estórias enquanto caminho imaginado para o bem-estar físico e emocional. Esta ideia está, atualmente, tão difundida, no espaço social, quanto, talvez a de que o cigarro pode causar câncer. Contudo, o fato não deixa de provocar certa curiosidade, por dois motivos: 1) porque parece ter sempre havido uma tendência de crianças e jovens apreciarem naturalmente a movimentação física e, por esta via, as práticas esportivas (Schneider & Bueno, 2005). E 2) porque aparentemente a preocupação com a saúde parece mais comum entre adultos e idosos.

De acordo com Gáspari e Schwartz (2001), que investigaram estudantes de escola pública de um município do interior do estado de São Paulo, adolescentes podem perceber uma relação entre qualidade de vida e prática esportiva que auxilia a obtenção e a manutenção de hábitos saudáveis. Ao serem entrevistados, os jovens disseram que se sentem mais calmos e felizes depois que praticam alguma atividade física. Manifestam, também, acreditar que o esporte traga benefícios ao corpo, como também libere tensões e acarrete mais disposição.

Este estudo parece importante porque seus autores partem de uma visão que privilegia aspectos brincantes da prática esportiva, indicando que estariam preparados para acolher tanto manifestações numa linha que consideram a prática esportiva puramente instrumental como outras, que enfatizam sensações de bem estar que se deem mais no plano da sensibilidade corporal do que em registro do que é racionalmente aconselhável.

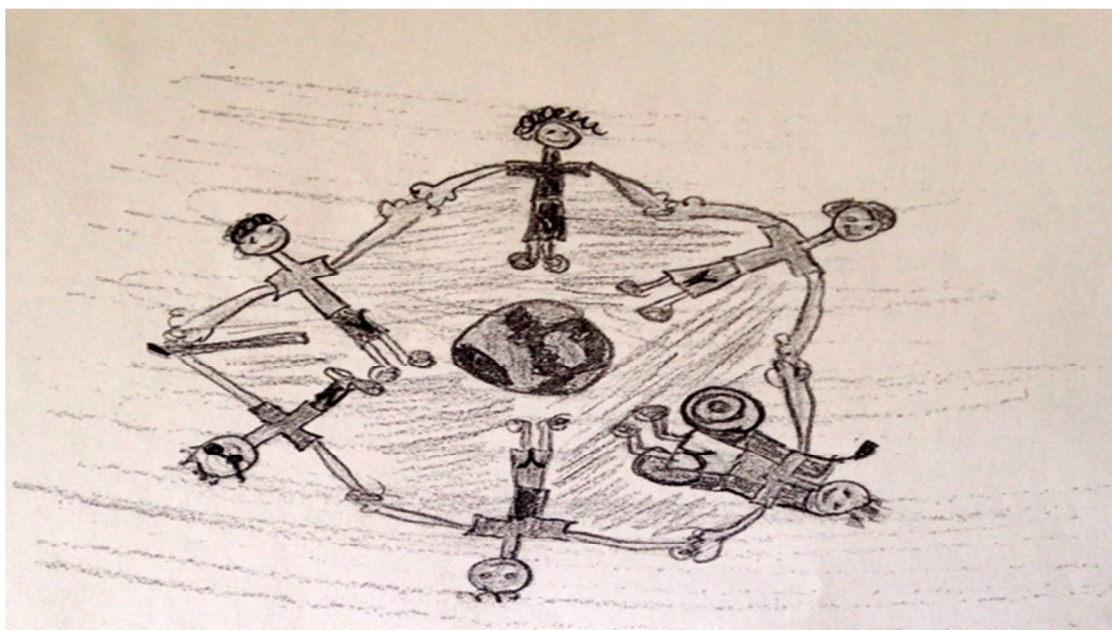
Gáspari e Schwartz (2001) partem da distinção entre dois tipos de prática esportiva, a que se dá como espetáculo centrado na performance de atletas de alto rendimento e a que se realiza como lazer. O primeiro tipo reproduziria algo que perpassa toda a vida social, em termos de competitividade, agressividade e busca de prestígio individual. O segundo tipo corresponderia a atividades automotivadas pela espontaneidade lúdica que podem gerar gratificação. Lembrando as colocações do filósofo Huizinga (1993), para quem o esporte conteria o elemento lúdico mais significativo da cultura, nas sociedades ocidentais, estes autores valorizam nitidamente a dimensão brincante desta atividade, qualificando-se como pesquisadores sensíveis e

abertos a acolher expressões do esporte como autorealização prazerosa. Por este motivo, os resultados encontrados, no sentido da alta valorização do esporte como meio de preservação da saúde, superando expressões relativas ao prazer, parecem-nos altamente significativos. De nossa parte, pensamos que o campo “Esporte é saúde” provavelmente esteja muito espalhado socialmente em todas as faixas etárias, vinculado à medicalização dos modos de viver (Christofari, Freitas e Baptista, 2015).

Nossas interpretações também dialogam, ainda que menos diretamente, com o imaginário de estudantes de educação física pesquisados por Fialho, Montezi, Follador & Aiello-Vaisberg (2014), na medida em que encontraram uma forte vinculação entre esporte e saúde, que se fazia acompanhar pela fantasia de que, sendo assim, a saúde dependeria apenas do esforço individual. Este estudo nos parece bastante importante na medida em que a valorização da atividade física regular e esportiva, na conquista ou reconquista da saúde, em si mesma parece um ganho de lucidez, o que ofusca a percepção sobre a importância das condições ecológicas e ambientais.

Segundo Nascimento, Pinho, Andrade e Montiel (2010), a prática de atividades físicas na adolescência levaria, de fato, a uma menor predisposição a doenças associadas ao sedentarismo e/ou excesso de peso. Da mesma forma a inatividade física aparece em diversas pesquisas diretamente relacionada ao sobrepeso (Coelho et al., 2008; Alves, Siqueira & Figueira, 2009; Celestino & Costa, 2010). Sendo assim, não nos parece, de modo algum, isento de importância o fato de jovens adolescentes se moverem, no momento atual, segundo o campo “Esporte é saúde”.

Finalizamos com um comentário que nos parece pertinente, quando nos lembramos de que em ambientes urbanos suficientemente bons, podemos observar adolescentes espontaneamente envolvidos em atividades esportivas. No Brasil, a manifestação mais comum são os jogos de futebol, mas outras práticas são comuns em diferentes regiões do globo. Assim, consideramos fundamental notar que, contrariamente ao que se poderia legitimamente esperar, o material pesquisado não permitiu a criação interpretativa de um campo de sentido afetivo-emocional no qual o esporte figurasse como movimentação de caráter brincante. Contudo, não cabe declarar que o lúdico esteve absolutamente ausente. Na verdade, notamos o que poderíamos denominar vestígios de uma dimensão brincante, no material aqui estudado. Nesse sentido, vale a pena apreciar o seguinte desenho-estória:



“Certa vez, eu estava andando pelo centro da cidade e me deparei com uma cena que eu vou guardar como prova de superação e coragem. Vi uma criança junto de sua mãe e seu irmão mais velho, ele aparentava ter menos de dez anos de idade... Num descuido

de sua mãe correu para o outro lado onde estavam as duas crianças de rua e começou a brincar com elas...aquela criança se preocupou em brincar e se divertir pois o esporte é assim une as pessoas e as transforma em uma.”

Esta história soa como muito interessante, na medida em que nela se unem dois verbos visivelmente antagônicos: preocupar-se e brincar. A criança descrita teria se preocupado em brincar e em se divertir, quando, como sabemos, a brincadeira é algo que nos vincula ao momento presente, permitindo seu pleno usufruto, enquanto a preocupação tem sempre caráter antecipatório, lançando-nos para um futuro eventualmente problemático.

Aventamos, aqui, duas explicações possíveis para a ausência de um campo lúdico. A primeira delas consiste em considera-la possível expressão de uma necessidade adolescente de firmar-se como indivíduo que já teria superado a infância. A segunda delas corresponde a consideração de que a metodologia de pesquisa utilizada não tenha facilitado manifestações neste sentido. Nessa linha, outra poderia ser a nossa conclusão caso a entrevista tivesse sido realizado em espaço aberto e sido finalizada com o oferecimento de uma bola. Evidentemente, tais ideias poderão ser futuramente examinadas no contexto de novas pesquisas sobre o imaginário de adolescentes sobre o esporte.

CAPÍTULO 6
CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Uma utopia, uma esperança, um paraíso futuro são discursos que nascem do amor e provocam o amor. Por isso mesmo, a ação se mistura com eles, como a atividade criadora que traz à existência aquilo que ainda não existe.”

Rubem Alves

Ainda que a presente pesquisa padeça de limitações características de estudos exploratórios, as reflexões que fizemos, acerca dos quatro campos de sentido afetivo-emocionais criados/encontrados, podem, a nosso ver, ser reconhecidas como significativas. Por este motivo, retomaremos nosso interesse em usar o esporte como mediação, no atendimento de adolescentes, para neste momento articula-lo com as interpretações realizadas.

Assim, podemos dizer que no presente estudo nos deparamos com perspectivas instrumentais sobre as práticas esportivas, na medida em que o esporte serviria a diferentes propósitos. Por outro lado, o esporte como alegria, prazer e emoção, que não se pratica com vistas à obtenção de vantagens, por mais nobres que estas sejam, simplesmente não se faz predominante, aparecendo apenas como vestígios.

Este quadro pode ser interpretado de mais de um modo. Pode-se pensar que os adolescentes realmente se encontram tão fortemente bombardeados por informações sobre utilidade do esporte, que traz sucesso, saúde e coragem, que já perderam de vista a dimensão do passatempo, do lúdico, do colocar o corpo em ação e movimento pelo mera – mas fundamental – possibilidade de “viver o estar vivo”.

Entendemos, assim, que os participantes já se encontram afastados desta possibilidade, eventualmente sob efeito dos processos de socialização, familiar e escolar, que visam transformá-lo em um adulto adaptado. No ambiente sociocultural em que vivemos, o adulto corresponderia ao indivíduo que agiria como ser racional, em função das vantagens que esta ou aquela atividade lhe proporcionaria. Para este homem racional, o importante, no esporte, não seria o fato de trazer saúde, forjar a coragem e

colocar-se como via para obtenção de sucesso. Em contrapartida, fica recomendada a cautela que afasta o risco. Os participantes desta pesquisa, sendo adolescentes, já se encontram aparentemente formatados como adultos.

Entretanto, não podemos deixar de aventar a possibilidade de terem sido fortemente marcados pela instituição em que se deu a entrevista coletiva. Afinal, trata-se de projeto que visa dar a adolescentes carentes, que pertencem a camadas que geram muitos casos de tendência antissocial, uma complementação educacional que os capacite a se tornar jovens modelos em bom comportamento e bom caráter. Não há como chegar a uma maior clareza sobre tal questão, no âmbito da presente investigação, mas fica imediatamente claro que a replicação deste trabalho, em ambiente menos comprometido e levando em consideração o posicionamento e o ambiente dos jovens, seria altamente desejável.

Contudo, o fato de os adolescentes pesquisados não produzirem manifestações imaginativas nas quais o esporte figure de modo fundamentalmente lúdico não significa, de forma alguma, que este não possa vir a ser concebido brincantemente. Aqui temos que relembrar a conhecida concepção de Winnicott (1971), que subscrevemos quando adotamos o estilo clínico Ser e Fazer:

Ao enunciar minha tese, como muitas vezes aconteceu, descobro que ela é muito simples e poucas palavras se tornam necessárias para abranger o assunto. A psicoterapia se efetua na sobreposição de duas áreas do brincar, a do paciente e a do terapeuta. A psicoterapia trata de duas pessoas que brincam juntas. Em consequência, onde o brincar não é

possível, o trabalho efetuado pelo terapeuta é desenvolvido então no sentido de trazer o paciente de um estado em que ele não é capaz de brincar para um estado em que o é (Winnicott, 1971/1975: 63)².

Sendo assim, a proposição de oficinas Ser e Fazer, em vertentes psicoterapêuticas ou psicoprofiláticas, nas quais o esporte figure como mediação, pode ser colocada em marcha mesmo quando o terapeuta precisa mostrar, com sua presença e ação, que o esporte pode ser vivido como atividade brincante, que pode produzir a sensação de estar vivo, real e capaz de gestualidade espontânea ali, no próprio momento no qual se desenrola, pelo simples fato de estar acontecendo. Além disso, não custa destacar que este modo de viver a prática esportiva não exclui, de modo algum, a competição, embora transforme, profundamente, a forma de competir. Em outros termos, deixa de ter lugar aquela competição que tem, em sua raiz, uma motivação narcísica, de puro autoenaltcimento, para que possa ocorrer um brincar no qual ganhar ou perder encontram-se a serviço da movimentação dos corpos que, por si mesma, é sempre uma vitória da vida.

Frisamos, portanto, que o predomínio de visões instrumentais, que caracterizam os campos “Esporte é sucesso”, “Esporte é coragem” e “Esporte é saúde” de modo algum impedem que o terapeuta possa trabalhar no sentido de favorecer a configuração de um campo brincante. Por outro lado, poderíamos indagar que o fato de haver uma clara associação entre esporte e risco, ao redor da qual se organiza o campo “Esporte é perigo”, poderia ser motivo para a não utilização do esporte como mediação em oficinas Ser e Fazer para adolescentes.

² Optamos por repetir aqui uma frase, que já transcrevemos à página trinta e três desta dissertação, dada sua inegável relevância no contexto teórico e clínico no qual nos movemos.

Em primeiro lugar, cabe lembrar que foram poucas as produções emergentes deste campo, o que parece significar que neste grupo este tipo de associação não predomina. Além disso, devemos também considerar que o modo como esta pesquisa está configurada não permite que afirmemos que estas pessoas que produziram desenhos e histórias sobre acidentes graves em situações de prática de esporte não são, necessariamente, indivíduos que sofreriam ou deixariam de aceitar convites a participar de jogos e outras atividades de caráter esportivo. É muito importante lembrar este fato, para não dar margem a mal-entendidos, pois o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, usado como o fizemos, em uma única entrevista grupal, permite que acessemos o imaginário coletivo, mas não tem valor psicodiagnóstico.

Contudo, o fato de indicar que a personalidade coletiva, que investigamos, imagina o esporte deste modo, é suficiente para chamar nossa atenção e para motivar uma atenção especial a este aspecto, quando formos propor oficinas mediadas por esporte para jovens. Caberia, em entrevistas individuais prévias ao trabalho, tentar conhecer os adolescentes e averiguar como se posicionam em relação a atividades que envolvem a movimentação corporal características do esporte. Em contextos institucionais, seria bastante desejável, que a oferta de oficinas deste tipo fosse concomitante à disponibilização de oficinas mediadas por atividades artísticas ou artesanais, de modo que aqueles que se sentissem desconfortáveis, diante do esporte, pudessem ser encaminhados para outras oficinas, sem que tal fato adquirisse um significado pejorativo.

Destacamos, assim, que o presente estudo permite a conclusão de que é interessante prosseguir a pesquisa sobre o uso da atividade esportiva como mediação em oficinas Ser e Fazer para adolescentes. Esforços nesse sentido devem ser continuados por meio de pesquisa sobre a eficácia clínica deste enquadre, por meio do uso do Procedimento de Acompanhamento de Intervenções Clínicas - Procedimento de Ambrosio e Vaisberg formalizado por Ambrósio (2013), a partir do atendimento de grupo de participantes desta faixa etária. Cuidados relativos tanto a entrevistas prévias, nas quais se possam aferir eventuais angustias diante do tipo de movimentação corporal, exigida pelo esporte, bem como disponibilização de outra oficina concomitante, articulada ao redor de atividades artísticas ou artesanais, deve ser também providenciado, tanto por motivos clínicos como por razões éticas.

Finalizamos renovando atenção para o fato de que o esporte, como qualquer mediação em enquadres clínicos diferenciados Ser e Fazer, pode ser usado quando o psicoterapeuta mantém um vínculo amador com esta atividade. Deste modo, reafirmamos que o esporte, malgrado constituir-se, de um certo modo, como atividade altamente complexa, não deverá perder, de modo algum, seu caráter de rabisco, no sentido winnicottiano do termo. Deste modo, este tipo de oficina deve ser desenvolvido por psicólogo com formação psicanalítica, pois não deixará de ser um profissional que, sendo psicanalista, estará fazendo outra coisa, mais apropriada para a situação, como afirmou Winnicott (1963).

“Para tudo há um tempo determinado.

Há o tempo de nascer e o tempo de morrer. O tempo de plantar e o tempo de arrancar o que se plantou. O tempo de construir e o tempo de demolir. O tempo de chorar e o tempo de rir. O tempo de amar e o tempo de enfadar-se com o amor. O tempo de guerra e o tempo de paz. Para todas as coisas há um tempo...

Nada há de melhor para o homem do que alegrar-se e levar uma vida prazerosa. ...que o homem possa comer, beber e desfrutar do seu trabalho.”

Rubem Alves

REFERÊNCIAS

Aberastury, A. e Knobel, M. (1981). *Adolescência normal. Um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas, pp. 13-23.

Agostinho, M. L. (2003) O Porco-Espinho, o Menino do Furacão e outras Histórias: Quadros de uma Exposição Psicanalítica. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Aiello-Fernandes, R.; Ambrosio, F.F. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013) Pesquisando sofrimentos sociais com o método psicanalítico: considerações conceituais. *XI jornada apoiar: adolescência: identidade e sofrimento na clínica social* - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Aiello-Vaisberg, T.M.J. & Borges, T. W. (1992). Dupla Exclusão: O Paciente Psiquiátrico com Aids. Madrid, *Libro de Resumos do Primeiro Congresso Iberoamericano de Psicologia*, p. 262.

Aiello-Vaisberg, T. M. J. (1999) Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia. Tese de Livre Docência, Universidade de São Paulo, São Paulo. www.teses.usp.br.

Aiello- Vaisberg, T. M. J. A., & Camps, C. (2002). Representações Sociais de Professores sobre o Adolescente Problema. Florianópolis. *Revista de Ciências Humanas*. 1(1), 353-362.

Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2003). Ser e fazer: interpretação e intervenção na clínica winnicottiana. *Psicologia USP*, 14(1), 95-128.

Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2004). *Ser e Fazer: Enquadres diferenciados na clínica Winnicottiana*. São Paulo, SP: Idéias & Letras.

Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2005). Os monstros, o método e o estabelecimento da capacidade ética. In Aiello-Vaisberg, T. M. J. & Ambrosio, F. F. (Orgs), *Cadernos Ser e Fazer: reflexões éticas na clínica contemporânea* (pp. 09 -26) São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Aiello-Vaisberg, T. M. J. & Ambrosio, F. F. (2005) Mudanças – Psicologia da Saúde, 13 (2), pp. 271-471.

Aiello-Vaisberg, T. M. J. & Machado, M. C. L. (2005). Narrativas: o gesto do sonhador brincante. *Estados gerais da psicanálise*, 4.

Aiello- Vaisberg, T. M. J. A. (2007). Évaluation des effets de l art thérapie winnicottienne. In: Richard Forrestier. (Org.). *L'évaluation en art-thérapie*. Paris: Elsevier.

Aiello-Vaisberg, T. M. J. & Machado, M. C. L. (2008). Pesquisa psicanalítica de imaginários coletivos à luz da Teoria dos Campos. In: MONZANI, Josette; MONZANI, Luiz. *Olhar: Fabio Hermann - Uma Viagem Psicanalítica*. São Paulo: Ed. Pedro e João Editores/CECH – UFSCar, p. 311-324.

Aiello-Vaisberg, T.M.J.; Machado, M.C.L; Ayouch, T.; Caron, R. & Beaune, D. (2009). Les récits transferenciels comme presentation du vécu clinique: une proposition méthodologique. In Daniel Beaune. (Org). *Psychanalyse. Philosophie, Art: Dialogues*. (1ªed., Vol. 1, pp. 39-52), Paris: L'Harmattan.

Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2015) Psicoterapia Psicanalítica no Atendimento de Pacientes Orgânicos Graves. In R. Simon, K.Yamamoto e G.K. Levinson Psicoterapia *Psicanalítica – Encontro com a Contemporaneidade*. São Paulo: Zagodoni, 69- 80.

Alves, J. G. B., Siqueira, P. P., & Figueiroa, J. N. (2009). Excesso de peso e inatividade física em crianças moradoras de favelas na região metropolitana do Recife, PE. *J Pediatr*, 85(1), 67-71.

Ambrosio, F. F. (2013). O estilo clínico “ser e fazer” na investigação de benefícios clínicos de psicoterapias. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

Ambrosio, F. F. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). A importância do conceito de campo no procedimento de ambrosio e vaisberg. *XII jornada apoiar - a clínica social: propostas, pesquisas e intervenções* - instituto de psicologia da universidade de São Paulo.

Andreis, M. (1995). Morte e prática médica: ensaio reflexivo sobre o discurso de cardiologistas. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Aragão, T. A., Coutinho, M. D. P. D. L., Araújo, L. F. D., & Castanha, A. R. (2009). Uma perspectiva psicossocial da sintomatologia depressiva na adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(2), 395-405.

Araújo, L. D. C., Vieira, K. F. L., & Coutinho, M. D. P. D. L. (2010). Ideação suicida na adolescência: um enfoque psicossociológico no contexto do ensino médio. *Psico USF*, 15(1), 47-57.

Assis, N. D. P. (2014). Problemáticos ou invisíveis: o imaginário coletivo de idosos sobre adolescentes. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.

Baptista, A. M. (2003) Consulta psicoprofilática ao residente de medicina: proposta de um enquadre diferenciado à luz da perspectiva winnicottiana. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Barcelos, T. F. (2014). A História da menina-morta: (des) esperança de adolescentes em situação de precariedade social. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Barcelos, T.F.; Tachibana, M.& Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2010). A gravidez precoce no imaginário coletivo de adolescentes. *Psicologia Teoria e Prática* 12 (1), 85-96.

Barreto, M. A., & Aiello-Vaisberg, T. (2007). Escolha profissional e dramática do viver adolescente. *Psicologia & Sociedade*, 19(1), 107-114.

Barus-Michel, J. (2005). Entre sofrimento e violência: a produção social da adolescência. *Anais do Simpósio Internacional do Adolescente*, São Paulo: USP. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000100018&lng=en&nrm=abn>. Acessado em 25 de Abril de 2015.

Brasil, E. (1990). Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. In ECA: Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, e de outras providências. Decretado pelo Congresso Nacional e Sancionado pelo Presidente da República–Fernando Collor de Mello.

Bleger, J. (1958) *Psicoanalysis y materialismo dialético*. Buenos Aires, Paidós.

Bleger, J. (1963) *Psicologia de la conducta*. Buenos Aires, Paidós.

Bleger, J. (1966) *Psicohigiene y Psicología institucional*. Buenos Aires, Paidós.

Bohoslavsky, R. (1977). *Orientação profissional: a estratégia clínica*. São Paulo.

Borges, T. W. (1995). Sofrimentos da vida: a loucura no cotidiano de mulheres. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Borges, T. W. (1998) O procedimento de desenhos- estórias como modalidade de intervenção nas consultas terapêuticas infantis. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Breton, D. (2010). Escarificações na adolescência: uma abordagem antropológica. *Horizontes Antropológicos*, 16(33), 25-40.

Brigagão, J. I. M. (1998) Prostitutas no Jardim da Luz: dor e prazer na batalha pela sobrevivência. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Brigitte, B. (2011). O efeito da violência contra crianças e o tratamento na adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(3), 357-361.

Cabreira, J. C., Pontes, M. D. S., Tachibana, M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2007). Incompreensão, vazio e oposição pueril”: o imaginário coletivo de adolescentes sobre a adolescência no mundo atual. São Paulo: *Jornada Internacional de Pesquisa em Psicanálise e Fenomenologia*, 1.

Camps, C. I. C. M. (2003). A Hora do Beijo: teatro espontâneo com adolescentes numa perspectiva winnicottiana. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Camps, C. I. C. M. (2009). Ser e fazer na escolha profissional: atendimento diferenciado na clínica winnicottiana. Dissertação de Doutorado em Psicologia Clínica – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Camps, C. I. C. D. M., Barcelos, T. F., & Vaisberg, T. M. J. A. (2014). Atendimento ser e fazer e escolha profissional: estudo sobre eficácia clínica. *Boletim de Psicologia*, 64(140), 21-32.

Carreiro, T. C. (2003). Sofrimentos sociais em debate. *Psicologia Usp*, 14(3), 57-72.

Celestrino, J. O. & Costa, A. S. (2010). A prática de atividade física entre escolares com sobrepeso e obesidade. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, 5(3).

Cia, W. C. (2014) “Sonho desfeito: anencefalia e experiência emocional de pais”. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Coelho, R., Sousa, S., Laranjo, M., Monteiro, A., Bragança, G., & Carreiro, H. (2008). Excesso de peso e obesidade: prevenção na escola.

Corbett, E. (2014). “Contos sem fadas”: Mães e filhos em situação de violência doméstica. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

Corbett, E., Ambrosio, F. F., Gallo-Belluzzo, S. R., & Aiello Vaisberg, T. M. J. (2014). Imaginative productions on sexual difficulties: a psychoanalytic study. *Psicologia & Sociedade*, 26(3), 756-765.

Costa, T. F., & Ceolim, M. F. (2010). A enfermagem nos cuidados paliativos à criança e adolescente com câncer: revisão integrativa da literatura.

Christofari, A. C., Freitas, C. R., & Baptista, C. R. (2015). Medicalização dos Modos de Ser e de Aprender. *Educação & Realidade*, 40(4).

Crivelatti, M. M. B., Durman, S., & Hofstatter, L. M. (2006). Sofrimento psíquico na adolescência. *Texto contexto—Enfermagem*, 15, 64-70.

Cunha, P. I., Ropelato, R., & Alves, M. P. (2006). A redução da maioria penal: questões teóricas e empíricas. *Psicologia Ciência e Profissão*, 26(4), 646-659.

Dagfal, A. (2015). La psychanalyse à l'intérieur de la psychologie : les avatars du projet de Daniel Lagache. *Essaim- Revue de Psychanalyse*, 35(2), 31-51.

Dias, A. C. G., Arpini, D. M., & Simon, B. R. (2011). Um olhar sobre a família de jovens que cumprem medidas socioeducativas. *Psicologia & Sociedade*, 23(3), 526-535.

Domingos, S. R. F, Merighi, M. A. B., Jesus, M. C. P., & Oliveira, D. M. (2013). Experiência de mulheres com aborto provocado na adolescência por imposição da mãe. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 21(4), 899-905.

Drieu, D., Proia-Lelouey, N., & Zanello, F. (2011). Ataques ao corpo e traumatofilia na adolescência. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 14(1), 09-20.

Evangelista, R. (1993) Representações da assistência psicológica e do psicólogo no imaginário das sentenciadas da penitenciária feminina. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Faria, E. C. R., Domingos, S. R. F., Merighi, M. A. B., Jesus, M. C. P., & Ferreira, L. M. G. (2012). Abortamento na adolescência: vivência e necessidades de cuidado. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 33(3), 20-26.

Ferreira, J. C. (2004) Encontrando a Mulher: a Psicanálise do Self na Abordagem de um Singular Plural. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Ferreira, S. I.; Lima, S. M. & Aiello- Vaisberg, T. M. J. (2014). Lembranças de infância e adolescência: oficina Ser e Fazer para pais. *XII jornada apoiar - a clínica social: propostas, pesquisas e intervenções* - instituto de psicologia da universidade de São Paulo.

Fialho, A. A.; Fernandes, R.A.; Montezi, A. V. & Aiello- Vaisberg, T.M.J. (2012). O imaginário coletivo de estudantes sobre a África: um estudo preliminar. *Anais do Primeiro Colóquio Internacional Culturas Jovens Afro-Brasil América: Encontros e Desencontros*, 2012, São Paulo (SP) [online]. Disponível em:<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000132012000100002&lng=en&nrm=iso> .

Fialho, A., Montezi, A. V., Follador, F., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). O imaginário coletivo de estudantes de educação física sobre vida saudável. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 36(3), 626-631.

Fonseca, F. F., Sena, R. K. R., Santos, R. L. A. D., Dias, O. V., & Costa, S. D. M. (2013). As vulnerabilidades na infância e adolescência e as políticas públicas brasileiras de intervenção. *Rev. Paul. Ped.*, 31(2).

Gáspari, J. C., & Schwartz, G. M. (2001). Adolescência, esporte e qualidade de vida. *Motriz*, 7(2), 107-113.

Gavião, A. C. D. (2002) A passagem do tempo e suas ressonâncias íntimas. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Gil, C. A. (2010) Recordação e Transicionalidade: Oficina de Cartas, Fotos e Lembranças como Intervenção Grupal para Idosos. São Paulo, Universidade de São Paulo, Tese de Doutorado.

Giorgi, S. (2003) Um lugar a partir do qual olhar: viagem através da dependência. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Gonçalves, L. A. O. (1998). *O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos* (Vol. 1). Autêntica.

Granato, T. M. M. (2000) Encontros Terapêuticos: a Preocupação Materna Primária à Luz do Pensamento de Winnicott. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Granato, T. M. M. (2004) Tecendo a clínica winnicottiana da maternidade em narrativas psicanalíticas. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Granato, T. M. M., & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2013). Narrativas interativas sobre o cuidado materno e seus sentidos afetivo-emocionais. *Psicologia Clinica*, 25 (1), 17-36.

Granato, T. M. M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2004). Tecendo a pesquisa clínica em narrativas psicanalíticas. *Mudanças - Psicologia da Saúde*, 12(2), 253-271.

Greenberg, J.; Mitchell, S. (1994) *Relações objetais na Teoria Psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Guimarães, J. P. (2005). Sentimento de imortalidade entre adolescentes. *Medicina Ribeirão Preto*, 38 (1), 42-44.

Hermann, F. (1979). O método da psicanálise. São Paulo: Brasiliense.

Hermann, N. (2001). *Pluralidade e ética em educação*. Rio de Janeiro: DP&A.

Huizinga, J. (1993). *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva

Laplanche, J. & Pontalis, J.B. (1967). *Vocabulário de psicanálise*. Lisboa, Moraes Editora.

Liberman, A. (2014) Stephen A. Mitchel y el psicoanálisis rioplatense clásico (Bleger): Convergencias. *Clinica y Investigación Relacional*, 8 (1), 51-60.

Lima, D. (2004). Depressão e doença bipolar na infância e adolescência. *Jornal de Pediatria*, 80(2), 11-20.

Machado, M. C. L. (1995) Universo em desencanto: conceito, imagens e fantasias de pacientes psiquiátricos sobre a loucura e/ou doença mental. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Manna, R.E. (2013). Rabiscando desenhos-estórias com acompanhantes de idosos. Dissertação de Mestrado - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Manna, R. E. ; Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013) Rabisco-Brincadeira: Por uma Clínica Psicanalítica da Transicionalidade. *Rabisco Revista de Psicanálise*, v. 3, p. 87-93.

Martins, D. F. G. (1998) Obesidade: estudo das representações sociais de endocrinologistas em hospital público. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Martins, P. C. R., & Vaisberg, T. M. J. A. (2009). Dificuldades sexuais masculinas e Imaginário Coletivo de universitários: um estudo psicanalítico. *Barbarói*, 31(2), 18-35.

Matos, K., & Martins, C. B. G. (2013). Mortalidade por causas externas em crianças, adolescentes e jovens: uma revisão bibliográfica. *Espaço para a Saúde*, 14(1/2), 82-93.

Medeiros, C. (2009) Girando o cata-vento: sofrimento e cuidado na psicanálise do ser e fazer. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Medeiros, C. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). Reflexões sobre holding e sustentação como gestos psicoterapêuticos. *Psicologia Clínica*, 26(2), 49-62.

Melo, O., Mota, C. P., & Silva, S. D. (2014). Assumir o papel do Pai: intervenção psicoterapêutica na adolescência. *Psicologia USP*, 25(1), 31-40.

Mencarelli, V. L. (2003) Em defesa de uma Clínica Psicanalítica Não Convencional: Oficinas de Velas Ornamentais com Pacientes Soropositivos. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Mencarelli, V. L. (2010). Compaixão na contratransferência: cuidado emocional a jovens HIV+(s). Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Mencarelli, V. L. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2005) Iluminando o self: uma experiência clínica psicanalítica não convencional. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 22(4), 415-423.

Mencarelli, V. L. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2007) Contratransferência e compaixão: encontro clínico com um rapaz HIV+. *Psicologia Clínica*, 19 (1), 93-107.

Minhoto, M. (2001) Meninos de rua e meninos de casa representação social de adolescentes: um estudo sobre alteridade. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Mitchell, S. A (1988) *Relational Concepts in Psychoanalysis: Na Integration*. Cambridge, MA: Harvard University Press

Mitchell, S. A. (1993), *Hope and Dread in Psychoanalysis*. New York: Basic Books.

Mitchell, S. A. (2000) *Relationality: From attachment to intersubjectivity*. Hillsdale, NJ: The Analytic Press.

Mitchell, S. A. (2013). *Relational Psychoanalysis: The Emergence of a Tradition*. New York, Rotledge, Kindle Edition.

Montezi, A. V., Barcellos, T. F., Ambrósio, F. F., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013). Linha de Passe: adolescência e imaginário em um filme brasileiro. *Psicologia em Revista*, 19(1), 74-88.

Montezi, A. V. ; Barcelos, T. F. ; Cia, W. C. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2012). 'Ser e Fazer' 20 anos: uma revisão bibliográfica. *X Jornada Apoiar: Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social: o percurso e o futuro*.

Montezi, A. V., Zia, K. P., Tachibana, M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2011). Imaginário coletivo de professores sobre o adolescente contemporâneo. *Psicologia em Estudo*, 16(2), 299-305.

Nascimento, D. E., Pinho, S. T., Andrade, D. M., & Montiel, F. C. (2010). A percepção dos alunos de ensino médio em relação ao esporte escolar. *Rev. Digital*. Buenos Aires, 15(147).

Nogueira, Q. W. C. (2011). Esporte, desigualdade, juventude e participação. Florianópolis. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*. 33(1) 103-117.

Ozella, S., & Aguiar, W. D. (2008). Desmistificando a concepção de adolescência. *Cadernos de Pesquisa*, 38(133), 97-125.

Paula, A. R. (2000) Asilamento de pessoas com deficiência: institucionalização da incapacidade social. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Politzer, G. (1978). *Crítica de los fundamentos de la psicología*. Ediciones Martínez Roca.

Pontes, M.L.S.; Cabreira, J.C.; Ferreira, M.C.& Aiello- Vaisberg, T.M.J. (2008). Adoção e exclusão insidiosa: o imaginário de professores sobre a criança adotiva. *Psicologia em Estudo*, 13(3), 495-502.

Prochet, N. M. S. (1993) Jogo do rabisco um espaço compartilhado: reflexões sobre a contribuição de Winnicott ao diagnóstico psicológico. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Prujansky, I. S. (1999) Médicos com diferentes esquemas conceituais-referenciais diante da dimensão psíquica um estudo comparativo. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Real, F. G. V. C., & Conceição, M. I. G. (2013). Representações sociais de parlamentares brasileiros sobre a redução da maioria penal.. *Psicol. cienc. prof.* 33(3).

Reis, B. E. (1999). Thomas Ogden's phenomenological turn. *Psychoanalytic Dialogues*, 9: 371-393.

Reiche, M. (1994) Fantasias e angustias na relação com a música: ressonâncias de experiências precoces com a voz materna. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Rossetto, M. S., Schermann, L. B., & Béria, J. U. (2014). Maternidade na adolescência: indicadores emocionais negativos e fatores associados em mães de 14 a 16 anos em Porto Alegre, RS, Brasil. *Ciênc. saúde coletiva*, 19(10), 4235-4246.

Sabroza, A. R., Leal, M.C., Souza Jr, P. R., & Gama, S. G. N. (2004). Algumas repercussões emocionais negativas da gravidez precoce em adolescentes do Município do Rio de Janeiro (1999-2001). *Cad. saúde pública*, 20(Sup 1), S130-S137.

Sang, E. R. (2009). Estilos de apego e bem-estar psicológico em adolescentes colegiais: Influência de gênero e etnia. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo.

Sarriera, J.C., Silva, M.A., Kabbas, C, P. & Lópes, V.B. (2001). Formação da identidade ocupacional em adolescentes. *Estudos de Psicologia*, 6(1), 27-32.

Sato, H. (2001) Práticas psicanalíticas em instituição: oficina de arranjos florais. Dissertação de Mestrado, São Paulo: Universidade de São Paulo.

Sato, H. (2007) Enquadres clínicos diferenciados na reforma psiquiátrica. Tese de Doutorado, São Paulo: Universidade de São Paulo.

Schneider, O., & Bueno, J. G. S. (2005). A relação dos alunos com os saberes compartilhados nas aulas de educação física. Porto Alegre. *Rev. Movimento*. 11(1) 23-46.

Silva, G. F. (2000) "Ser e fazer" em grupo: proposta de uma leitura winnicottiana com fundamentação teórica do uso de "técnicas" grupais. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo.

Silva, F. S., Oliveira, F. H. S., Piccione, M. A., & Lemos, R. F. (2008). Futebol libertário: compromisso social na medida. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 28(4), 832-845.

Silveira, R. M. C. (1990) Atendimento psicológico em hospital-escola: análise da expectativa de um grupo de pacientes de clínica ginecológica. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Simões, C. H. D. (2012). Sofredores, impostores e vítimas da sociedade: Imaginário de uma equipe de saúde mental sobre o paciente psiquiátrico. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

Simões, C. H. D., Fernandes, R. A., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013). The mental health professional in the psychiatric reform. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 30(2), 275-282.

Simões, C. H. D., Ferreira-Teixeira, M. C., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). Imaginário coletivo de profissionais de saúde mental sobre o envelhecimento. *Boletim de Psicologia*, 64(140), 65-77.

Sirota, A. (2008). Humilhação social: uma reflexão sob o ponto de vista psicanalítico. *Estudos de Psicologia*, 25, 557-565.

Souza, E. P. S. (2006). Publicações de revistas científicas na Internet. *Ver Bras Cir Cardiovasc* 21(1) São José do Rio Preto. São Paulo.

Souza, M. K. B., & Santana, J. S. (2009). Atenção ao adolescente vítima de violência: participação de gestores municipais de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(2), 547-555.

Tachibana, M., Montezi, A. V., Barcelos, T.F., Sirota, A., & Vaisberg, T. M. J. A. (2015). Who are the teenagers of today? Collective imaginary of Brazilian teachers. *International Journal of Information and Education Technology*, 5(1), 474-49.

Trench, B. V.(1999) Soropositividade, relatos: do não lugar ao lugar da alteridade. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Trinca, W. (1976). *Investigação clínica da personalidade: o desenho livre como estímulo de apercepção temática*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.

Vitali, L. M. (2004) Flor-rabisco: narrativa psicanalítica sobre uma experiência surpreendente. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Waiselfisz, J. J. (2011). *Mapa da Violência 2011. Os Jovens do Brasil*. Brasília, Ministério da Justiça, Instituto Sangari.

Weller, M. J. (2005). Esporte e educação não-formal: as atividades esportivas como fator de inclusão social para jovens em situação de risco. Tese de Doutorado da Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP.

Winnicott, D. W. (1963/1984). *Os objetivos do tratamento psicanalítico (trad). O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Winnicott, D. W. (1987). A luta para superar depressões. D. Winnicott (1987/1984a), *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes.(Trabalho original publicado em 1962 [1961].Winnicott (1962). Objetivos do Tratamento Psicanalítico.

Winnicott, D. W. (1971/1975). *O brincar e a realidade*. Trad. José Octavio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago.

Winnicott, D.W. (1990). *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago.

Zagonel, I. P. S., & Neves, E. P. (2002). O ser adolescente gestante em transição: um enfoque de cuidar-pesquisar sob a ótica da enfermagem. *Rev. bras. enferm*, 55(4), 408-413.

Zia, K. P. (2012). *Gota d' água*: imaginário coletivo de educadoras inclusivas sobre ser professor em tempos de inclusão. Tese de Doutorado, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, São Paulo.

ANEXO I – PARECER DA PLATAFORMA BRASIL

**ANEXO II – MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO DOS PARTICIPANTES**

**ANEXO III – MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS**